



Economia Solidária. Uma “outra economia” ou uma economia de “pobre para pobre”?

Editorial

A 3ª Feira de Economia Solidária do Mercosul, realizada de 06 a 08 de julho de 2007, em Santa Maria, RS, foi a inspiração do tema de capa da edição desta semana da *IHU On-Line*. Juntamente com a realização da grandiosa e imponente Feira, aconteceu a 14ª Feira Estadual do Cooperativismo, a 6ª Feira Nacional da Economia Solidária, a 7ª Mostra de Biodiversidade e Feira da Agricultura Familiar e o 3º Seminário Latino-Americano de Economia Solidária. Segundo as informações publicadas nas *Notícias do Dia* da página eletrônica do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, aproximadamente noventa mil pessoas passaram pela Feira.

A Economia Solidária já foi reiteradas vezes tema de capa da revista *IHU On-Line*. Assim, a edição número 21, de 10 de junho de 2002, tratou das “Redes Locais de Troca”. Vinte semanas depois, a edição número 42, de 11 de novembro de 2002, falou sobre “Economia Solidária: Teoria e prática”. Mais 24 edições e a revista número 66, de 30 de junho de 2003, teve como tema de capa “Economia Solidária e a crise do mundo do trabalho”. Depois de um intervalo de quase 50 edições, voltamos ao tema na *IHU On-Line* número 115, de 13 de setembro de 2004, que tratou de “Economia social e consumo ético”. Todas as edições citadas estão disponíveis no sítio do IHU.

Para a edição desta semana, entrevistamos **Benedito (Bené) Anselmo Martins de Oliveira**, coordenador nacional da Rede de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares - ITCP's, membro da coordenação nacional do Fórum Brasileiro de Economia Solidária e do Conselho Nacional de Economia Solidária; a economista **Maria Nezilda Culti**, do Departamento de Economia da Universidade Estadual de Maringá - UEM - e coordenadora do GT do Programa Nacional de Economia Solidária da Unitrabalho; o sociólogo uruguaio **Pablo Guerra**; o coordenador-geral de estudos da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES) **Roberto Marinho Alves da Silva**; o assessor de grupos de reciclagem **Roque Spies**; a professora **Vera Regina Schmitz**, do IHU e que coordena a Fase III do Mapeamento da Economia Solidária no Rio Grande do Sul; e a Irmã **Lourdes Dill**, coordenadora do Projeto Esperança/Coesperança, desenvolvido pela Diocese de Santa Maria (RS), juntamente com a Cáritas Regional - RS.

Complementando o tema de capa desta edição, publicamos vários depoimentos de pessoas que atuam diretamente em Empreendimentos de Economia Solidária. A trajetória de **Odete Maria Faustino Spies**, narrada no *Perfil Popular* deste número, ilustra bem a força e também a debilidade desta experiência.

“Há tempos um filme americano não me emocionava

tanto quanto *Bobby*”, testemunha Amir Labaki. O filme de Emilio Estevez se refere às grandes perdas dos Estados Unidos nos anos 1960 - Martin Luther King, John e Robert Kennedy, os três assassinados. *Bobby* e *Saneamento básico* - *O filme* são os filmes desta edição.

A todas e todos uma ótima leitura e uma excelente semana!

Leia nesta edição

PÁGINA 01 | Editorial

A. Tema de capa

» ENTREVISTAS

PÁGINA 04 | Benedito Anselmo de Oliveira: “Há muito mais de Economia Solidária no Brasil do que possamos observar”

PÁGINA 11 | Roberto Marinho da Silva: “A Economia Solidária no Brasil está avançando na sua organização política”

PÁGINA 18 | Luiz Inácio Gaiger: O caminho de afirmação de uma outra forma de economia

PÁGINA 20 | Lourdes Dill: “A vida e o ser humano estão acima do capital”

PÁGINA 22 | Roque Spies: “Alcançar a autogestão é um dos maiores desafios dos grupos de reciclagem”

PÁGINA 25 | Pablo Guerra: “A única esperança para a humanidade passa por incorporar maiores doses de solidariedade”

PÁGINA 28 | Maria Nezilda Culti: Empreendimentos da Economia Solidária ultrapassam faturamento de R\$ 6 bilhões por ano

PÁGINA 32 | Vera Regina Schmitz: Rio Grande do Sul mapeou 450 novos empreendimentos da Economia Solidária

B. Destaques da semana

» Teologia Pública

PÁGINA 36 | Luiz Alberto Gómez de Souza: Simplesmente cristão

» Filmes da Semana

PÁGINA 40 | *Bobby*, de Emilio Estevez

PÁGINA 42 | *Saneamento Básico, o filme*, de Jorge Furtado

» Análise de Conjuntura

PÁGINA 43 | Destaques On-Line

PÁGINA 46 | Frases da semana

C. IHU em Revista

» PERFIL POPULAR:

PÁGINA 48 | Odete Maria Faustino Spies

» IHU REPÓRTER

PÁGINA 52 | Beatriz Marocco

A Economia Solidária na prática

DEPOIMENTOS DE QUEM VIVE OS VALORES DA ECOSOL NO DIA-A-DIA

A IHU On-Line *conversou com algumas pessoas que convivem de perto e sabem, na prática, o que significa Economia Popular Solidária. Confira os depoimentos no decorrer desta edição:*

“Comecei a me envolver com a Economia Solidária quando as mulheres que trabalhavam com artesanato e alimentação, com as quais eu compartilhava atividades, precisaram ir a uma feira. Nesse evento, só era permitida a inscrição de grupos. Surgiu, assim, o grupo Mãos Dadas, em fevereiro de 2005. Cada uma das pessoas do Mãos Dadas fazia coisas diferentes, como tortas, bombons e artesanato em geral. A organização em grupo, e não mais individualmente, é muito importante para nós, estreita laços, torna tudo mais fácil. Somos dez pessoas no Mãos Dadas: três na alimentação, seis no artesanato e uma na administração.

Desde a primeira reunião, entramos para o Fórum da Economia Solidária. A Prefeitura de São Leopoldo deu todo apoio ao nosso grupo. Isso é muito positivo, pois essa possibilidade abre portas. Acredito que as pessoas em grupo têm muito mais força, se apóiam. Por exemplo,

quando acontece uma feira, nos revezamos na banca. Na hora de produzir, trocamos idéias e calculamos preços em conjunto. Não sou necessariamente a líder do Mãos Dadas, mas, por minha característica agregadora, as meninas do grupo me procuram, pedem orientações e dicas. Sobre as trocas, temos o relato da feira popular da qual participamos no ano passado. Aconteceu uma oficina de trocas e marcamos presença. Fomos a encontros do Clube de Novo Hamburgo e feiras estaduais de trocas. Assim, estabelecemos negociações para o futuro, contatos importantes. Na economia das trocas, leva-se o que se tem e se traz o que precisa. Vejo um futuro extremamente positivo para essa realidade.”

Adriana Cláudia Longo Dias, participante do grupo Mãos Dadas, da Economia Solidária, e trabalhadora em um escritório da oficina familiar.

“Há muito mais de Economia Solidária no Brasil do que possamos observar”

ENTREVISTA COM BENEDITO ANSELMO MARTINS DE OLIVEIRA

Na opinião de Benedito (Bené) Anselmo Martins de Oliveira, “há muito mais de Economia Solidária no Brasil do que possamos observar. Estamos só no começo disto tudo. Há muita história para ser construída e contada ainda”. A declaração faz parte da entrevista a seguir, concedida por Bené à IHU On-Line, por e-mail.

Graduado em Administração de Cooperativas pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), cursou mestrado em Administração pela Universidade Federal de Lavras (UFLA) e doutorado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), com a tese As cooperativas populares e seus desafios, limites e possibilidades: Casos de cooperativas da cidade do Rio de Janeiro. Bené é coordenador nacional da Rede de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares - ITCP's, membro da coordenação nacional do Fórum Brasileiro de Economia Solidária e do Conselho Nacional de Economia Solidária. Escreveu capítulos de livros e artigos relacionados a cooperativas populares como, por exemplo, As contribuições da incubadoras tecnológicas de cooperativas populares para o desenvolvimento da economia solidária e para a construção de um novo modelo de extensão universitária (In: Abreu, Janio Caetano de. (Org.). Cooperativismo Popular e Redes Solidárias. São Paulo: All Print, 2007, v. , p. 121-132); As cooperativas populares como ambientes de multiplicação de capital social e de sustentação da economia solidária (In: Maria José Carneiro; Luiz Flávio. (Org.). Cadernos de Textos do CPDA. 22 ed. Rio de Janeiro, 2006, v. 01, p. 103-123).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Que alternativas o senhor propõe para criar uma outra economia? Como seria essa “outra” economia?

Benedito de Oliveira - No Brasil, existe um enorme predomínio do que convencionamos chamar de economia capitalista, que tem no liberalismo a sua sustentação ideológica e que possui no mercado a sua estratégia de expansão. Este tipo de economia se assenta em pelo menos dois princípios fundamentais: o da competitividade, que acirra a disputa por nichos cada vez maiores de consumidores, e o do lucro, que serve para remunerar o capital aplicado nos empreendimentos. Este tipo de economia requer, para seu desenvolvimento e fortalecimento, um tipo de relação com o Estado, que pressupõe o seu distanciamento das questões econômicas, ou seja, é preciso que ele se distancie o mais possível das questões do mercado. A esta tese, que é considerada como um dos pressupostos liberais, chamamos de livre mercado ou desregulamentação. Com este tipo de suporte, a economia capitalista predomina, se expande e se fortalece, sobretudo nos países periféricos, onde os governos cedem às pressões das grandes corporações e de grupos econômicos, atingindo o ápice do favoritismo, criando mecanismos de apoio para este tipo de atores da economia, que vão desde os incentivos fiscais até o perdão de dívidas, passando pelas famosas re-negociações de empréstimos, que, no Brasil, possui como exemplo o caso das empresas do setor do *agrobusiness*. Normalmente, este tipo de economia necessita para suas bases de sustentação, ou seja, para as empresas - que em muitos casos são travestidas de cooperativas, consórcios, redes etc. -, três elementos: crédito, mercado e disponibilidade tecnológica. Neste sentido, as empresas dispõem, especificamente no caso brasileiro, de variadas linhas de crédito, principalmente dos bancos públicos, nas quais, por exemplo, para a questão dos grandes empreendimentos, o BNDES - Banco

Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social - tem sido o grande financiador. Sendo por esta razão, pode-se afirmar que o crédito não é um problema para as empresas capitalistas no Brasil. Quanto ao segundo elemento, o mercado, as empresas capitalistas possuem uma franca hegemonia no domínio do mercado nacional, sendo este, em sua quase totalidade, completamente dominado por suas orientações ou demandas. Passando desde a completa liberdade de propaganda consumista até o argumento que os economistas chamam de “gerar a sua própria demanda”, que se configura numa estratégia de mercado, as empresas, na perspectiva de não terem clientes a sua disposição, forçam a atração destes com os chamados crediários próprios ou bancos/financeiras próprias, pelos quais, por exemplo, a própria vendedora de veículos empresta o dinheiro para que o cliente compre o seu carro. Então, o que se presencia é um mercado extremamente favorável para as condições de desenvolvimento da economia capitalista. O terceiro elemento utilizado pelas empresas capitalistas é o da questão da disponibilidade tecnológica. No caso brasileiro, só para citar dois exemplos, estas empresas possuem um sistema de formação e qualificação que, em boa medida, é financiado pelo governo e que conhecemos pelo nome de Sistema “S”¹. Este sistema prepara e qualifica trabalhadores e trabalhadoras “talhados” para serem agentes defensores do lucro e da competitividade. Em segundo lugar, elas contam com a ajuda de muitas universidades, que fortemente destinam suas atividades de ensino, pesquisa e extensão, para formarem profissionais com o perfil do que eu posso

¹ **Sistema S:** O Sistema S foi criado há 60 anos com o objetivo de promover a formação profissional e assegurar assistência social ao trabalhador. Ele é composto por entidades ligadas aos setores da indústria, comércio, transportes e agricultura. Esse é o nome pelo qual ficou convencionado de se chamar ao conjunto de onze contribuições de interesse de categorias profissionais, estabelecidas pela Constituição Brasileira. (Nota da *IHU On-Line*)

chamar de “almas empresárias”. Nesta perspectiva, sem a necessidade de se fazer maiores reflexões científicas, podemos afirmar que a economia de mercado, no Brasil, tem todas as condições de se desenvolver e se afirmar cada vez mais como a única via de sustentação das propostas de desenvolvimento e que sua matriz de sustentação se baseia nas práticas de competitividade e busca de lucro. Entretanto, na mesma medida em que esta economia cresce e se fortalece, ela também gera desdobramentos, que passam a ser preciosos na formação de eventos, os quais, pelo menos nas últimas três décadas, sobretudo, provocaram estragos visíveis na composição do tecido social brasileiro. Estou falando de eventos como desemprego, exclusão social, pobreza e miséria. Por esta razão, a sociedade civil organizada e, em boa medida, as universidades brasileiras, têm buscado elementos para enfrentar estas situações. Cada uma a seu modo, mas, em vários momentos, muito ligadas - e isto é um elemento novo no Brasil -, apontam pistas para novos caminhos de desenvolvimento. Enquanto estes caminhos são apontados, evidentemente que os movimentos sociais os incorporam em suas agendas e passam a pressionar, o estado e as empresas, a reduzirem seus passos no sentido de frearem suas ações de “desmantelos sociais”. É nesta perspectiva que surgem e se reforçam os movimentos contra o desemprego, a exclusão social e a pobreza. Este tipo de movimentação traz consigo ou é incorporado às ações de outros movimentos sociais, que têm lutado contra, por exemplo, a destruição da natureza, o desrespeito aos direitos de cidadania, a concentração de terras em regimes de latifúndios - sejam estes produtivos ou não - etc. Muitas destas movimentações possuem como fonte de abastecimentos ideológica, política e prática, as atividades do Fórum Social Mundial. Uma destas movimentações é conhecida como a Economia Solidária que, precisamente, se apresenta numa expectativa de ser uma proposta de organização, inicialmente

econômica, que consiga ser apresentada como alternativa à matriz de desenvolvimento econômico adotada no Brasil. Esta proposta está conectada com um tipo de desenvolvimento que considera a solidariedade e a cooperação como seus princípios estruturantes, em negação aos princípios da competitividade e da busca do lucro, que são adotados pelas empresas capitalistas. Neste sentido, esta outra economia se assenta na negatividade da economia de mercado. Ela deve ser incluyente, distribuidora de renda e poder e terá o papel fundamental de promover inclusão social, diminuição da pobreza e do desemprego/desocupação. Trata-se de uma economia que, observando práticas e ações estruturantes, visa a organizar um sistema econômico que não ameace os povos nem a natureza. Por isso, vai requerer, para sua sustentação, elementos de crédito, mercado e tecnologias, diferentes daquelas de que dispõem as empresas capitalistas.

IHU On-Line - Qual é o papel das ONG's e do poder público para as economias solidárias?

Benedito de Oliveira - Sob o desenvolvimento da Economia Solidária estão duas atividades, ou ações, que são muito importantes: a do estado e a da sociedade civil organizada. No caso do estado, este tipo de economia requer uma nova ação e estrutura deste. Não se pode desenvolver uma economia solidária num estado cujas instâncias de governo sejam autoritárias, centralizadoras e que não possuam canais de diálogos com a sociedade civil de forma direta e participativa. Nesta perspectiva, exige-se um estado democrático e, sobretudo, com uma proposta clara de desenvolvimento, que contemple teses, por exemplo, como as do desenvolvimento endógeno, do desenvolvimento sustentável etc. e que contemplem a necessidade da distribuição de renda e de oportunidades. Um tipo de desenvolvimento destes só poderá ser construído se o estado se transformar em um tipo de instância de deliberação, no qual, ao mesmo

tempo, possa atuar com ator e arena, e onde a sociedade civil possa ser protagonista da consecução deste desenvolvimento. No caso brasileiro, para se ter uma idéia do que se poderia fazer, pode-se, inicialmente, atender às demandas que a sociedade civil destacou durante as realizações das Conferências Nacionais - dentre elas, a I Conferência Nacional de Economia Solidária. Para além disto, se necessita de um estado que aceite democráticos e decisivos diálogos com a sociedade civil, no sentido de se vislumbrar a elaboração, a implementação e a avaliação de políticas públicas, que tenham como componente vital o controle social destas. Especificamente, ainda podemos citar a necessidade de um estado que dialogue com atores sociais que tenham representação das demandas de movimentos organizados, como é o caso do Fórum Brasileiro de Economia Solidária - FBES. Neste raciocínio, pode-se pensar uma participação das Organizações Não-Governamentais, já que numa economia do tipo solidária, que traz consigo a capacidade de absorver as demandas da sociedade civil organizada, é imprescindível que elas estejam presentes, tanto na concepção dos tipos de estratégias a serem seguidas quanto na elaboração de planos, projetos, programas e campanhas que possam dar sedimentação a este outro tipo de economia. Eu me arrisco a dizer que as ONG's que são comprometidas com as lutas contra os efeitos negativos do liberalismo são, ao mesmo tempo, fortes elementos nos chamados movimentos anti-sistêmicos, dentre os quais podemos destacar as ações de Economia Solidária. Neste aspecto, as ONG's não só possuem um papel importante na Economia Solidária, mas fazem parte dela. São protagonistas, em muitos casos.

IHU On-Line - A Economia Solidária é vista como uma parte importante e potente da economia emergencial de combate à fome, ao desemprego e à exclusão. Assim, seu caráter assistencial é bastante evidente.

Por que esse ângulo do projeto é mais enfatizado ou reconhecido pela população? Como apresentar a Economia Solidária por outro viés, como uma política econômica potente para a sociedade brasileira, por exemplo?

Benedito de Oliveira - É natural que num território onde predomina a economia capitalista, as pessoas sejam forçadas a não enxergar outras possibilidades de organização econômica, que não seja aquela em que existe um mercado onde as empresas competem e disputam clientes - cada vez mais com tecnologias mais avançadas -, na perspectiva de extraírem das relações comerciais o maior volume de lucro possível e, nos sistemas de produção, possam extrair o maior volume de mais-valia. Quando falamos e demonstramos as experiências de Economia Solidária e suas estratégias, as pessoas tendem a acreditar que se trata de um apêndice da economia liberal, criada para amortecer os conflitos gerados pela crise do desemprego, da exclusão social, da fome e da miséria. Muitos teimam enxergar na Economia Solidária uma "coisa" de pobre para pobre. É neste sentido que técnicos de algumas agências mundiais, como o Banco Mundial, chegam a caracterizá-la como uma espécie de *poor market* (mercado de pobres). Isto significa que temos muito a avançar. Mas nisto tudo eu consigo enxergar algo de muito positivo. Quando uma instituição que serve ao capitalismo, ou pelo menos técnicos ligados a esta, começa a se inquietar e apresentar conceitos e definições para algo que os trabalhadores e a sociedade civil organizada estão criando para encontrar alternativas de desenvolvimento, eu acredito que estamos no caminho certo. Resta-nos encontrar forças para continuar expandindo, fortalecendo, estruturando, enfim, plasmando isto que estamos chamando de uma outra economia. Quanto mais avançarmos na concretização de políticas públicas para Economia Solidária, na criação de redes, teias, cadeias, consórcios, de empreendimentos econômicos solidários,

tanto mais estaremos próximos de ter uma proposta clara de organização econômica e de uma nova matriz de desenvolvimento.

IHU On-Line - O cooperativismo das grandes empresas e cooperativas pode engolir, e até destruir, o cooperativismo popular? O projeto de Economia Solidária como um sistema social e econômico alternativo ao capitalismo pode estar ameaçado?

Benedito de Oliveira - O cooperativismo que eu chamo de tradicional ou empresarial é, por excelência, um forte suporte do capitalismo. Observe que as cooperativas-empresas que são alinhadas ao ramo do *agrobusiness*, por exemplo, respondem hoje por cerca de 6% do PIB, e nem por isto a grande maioria dos associados a elas conseguiram sair da situação de pequenos ou mini produtores, existindo um sistema de cooperativas ricas e de associados pobres. Há um sistema que reproduz a concentração de renda e de poder, de falso cooperativismo, que inclusive esconde, em suas entranhas, as famosas coopergatos ou cooperfraudes. Um sistema como este vai fazer de tudo para destruir qualquer outro tipo de ação cooperativista, sobretudo o cooperativismo popular, que traz consigo aquilo que é frontalmente contrário ao cooperativismo convencional, ou seja, a possibilidade de distribuição de renda e de poder, através das práticas de autogestão. Eu avalio que isto resultará num grande embate teórico. Mas, do ponto de vista prático, no caso do Brasil, não vejo outra saída a não ser o cooperativismo popular se organizar em um sistema próprio e ajudar no fortalecimento da Economia Solidária, que sempre será ameaçada pelo capitalismo. Mas que, cada vez mais, vai se transformando em uma efetiva fonte alternativa de organização da produção, da distribuição e do consumo de produtos e serviços, adquirindo maior padrão de zelo pelos direitos dos povos e pela preservação da natureza.

IHU On-Line - Qual é a influência e importância das universidades na construção da Economia Solidária? Qual é o papel do ITCPs nesse projeto?

Benedito de Oliveira - As universidades, e com elas várias projetos e programas de extensão e pesquisa, vão se integrando na Economia Solidária, na mesma medida em que duas coisas acontecem: a primeira é a necessidade de novas tecnologias que dêem conta das demandas do desenvolvimento dos empreendimentos econômicos e solidários e da própria Economia Solidária. Eu falo, precisamente, de tecnologias de gestão, de tecnologias que possam ajudar na fabricação de produtos que atendam os princípios da Economia Solidária etc. E a segunda é aquela em que a sociedade vai cobrando um novo tipo de relação destas universidades com as camadas populares, ou seja, as camadas excluídas. Isto garante o avanço de uma nova prática do fazer universitário. Sendo assim, eu creio que o ensino, a pesquisa e a extensão - que significam os três vitais pilares das universidades - deverão ter orientações a partir de novos paradigmas, no tema específico que estamos falando, os da Economia Solidária. Para justificar estes avanços, eu posso destacar que em muitas universidades brasileiras estão sendo escritas teses de doutorado, dissertações de mestrado, monografias de graduação e pós-graduação, e, ao mesmo tempo, estão sendo criadas disciplinas e cursos que tratam da Economia Solidária. Isto é um avanço enorme, se considerarmos que a Economia Solidária ainda pode ser considerada como uma estratégia e uma proposta em construção. Agora, de uma coisa nós não poderemos deixar de dar atenção: as ITCP's - Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares. São elas as responsáveis, em boa medida, por uma prática que sinaliza ou, pelo menos, é um ponto cardeal importante, para um novo fazer universitário. As ITCP's, em sua maioria - pois ainda não podemos garantir que todas as que existem tenham este perfil - adotam como

metodologia básica de trabalho a pesquisa-ação. Isto faz com que professores, técnicos e estudantes se dediquem a atividades de incubação, numa perspectiva de, ao mesmo tempo, serem assessores e atores dos processos de desenvolvimento das cooperativas populares ou dos coletivos econômicos e solidários que incubam. E isto tem gerado resultados dos mais diversos, que vão desde o engajamento destas pessoas em cooperativas - atuando como associados delas - até autores de dissertações, teses, monografias, artigos científicos, relatórios de estudos etc., que vêm contribuindo, em alta medida, para as reflexões, conceituações, definições, sobre o que pode ser qualificado como um empreendimento da Economia Solidária. Isto tem uma validade muito grande, que, na atualidade, poderemos nem perceber, até porque, como estamos tratando de um fenômeno contemporâneo, quem está integrado nele, muitas vezes, não consegue enxergar as suas dimensões. Mas, com certeza, o que as ITCP's estão fazendo é algo de revolucionário no sentido de se pensar um novo fazer universitário, no sentido de se pensar e exercitar uma nova relação das universidades com a sociedade.

***IHU On-Line* - Dados oficiais da feira de Santa Maria, mostram que foram mapeados no País mais de 18.878 empreendimentos, que respondem por 1,574 milhão de postos de trabalho. A que o senhor atribui esses resultados? O número de empreendimentos gerados pela Economia Solidária pode ser considerado elevado?**

Benedito de Oliveira - Por falar na Feira de Santa Maria², vale a pena aproveitar este espaço para dignificar aquele magistral evento. Creio que podemos dizer, com muito orgulho, que a Feira de Santa Maria já é um

² Sobre o tema, podem ser conferidas notícias no sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu). Nesta edição, a Irmã Lourdes Dill, coordenadora do Projeto Esperança/Coesperança, desenvolvido pela Diocese de Santa Maria (RS), concedeu uma entrevista sobre Economia Solidária. (Nota da *IHU On-Line*)

sinônimo de avanço da Economia Solidária e do cooperativismo popular no Brasil. Mas, em verdade, estes números divulgados em Santa Maria são dados que se baseiam no Mapeamento da Economia Solidária no Brasil, que é um dos programas que existem na Secretaria Nacional de Economia Solidária - SENAES, do Ministério do Trabalho e Emprego - MTE. Por este mapeamento, já podemos perceber, quantitativamente, o quanto a Economia Solidária no Brasil significa. Porém, eu quero acreditar que estes dados ainda estão incompletos. Arrisco dizer que temos muito mais experiências do que já mapeamos e que há muito mais gente envolvida nisto do que já somamos. Arrisco dizer que temos uma participação no PIB (Produto Interno Bruto) brasileiro maior do que podemos imaginar ou hipotetizar. Com este raciocínio, afirmo que somos maiores do que aquilo que enxergamos hoje, pois há muito mais de Economia Solidária no Brasil do que possamos observar. Estamos só no começo disto tudo. Há muita história para ser construída e contada ainda.

Economia Solidária: um desafio que entusiasma

“Sou estagiária no Projeto Tecnologias Sociais para Empreendimentos Solidários, da Diretoria de Ação Social e Filantropia da Unisinos, em parceria com o Instituto Humanitas Unisinos - IHU há cerca de um ano. Fiz uma entrevista para a vaga de estágio sem saber exatamente o que era a Economia Solidária. Quando tomei conhecimento da proposta, fiquei muito entusiasmada, com várias idéias. Como estudante de Administração, até o momento não tive esse tipo de abordagem em sala de aula. Acredito que administrar coletivamente um empreendimento solidário é um desafio muito positivo, afinal, quando se pensa em administração de empresas, normalmente vêm à mente grandes corporações, lucros altos e isso não se aplica à Economia Solidária. É uma outra proposta, tem um viés completamente diferente. O que mais me empolga é acompanhar os grupos incubados (apoiados) pelo Projeto, perceber o resultado positivo que esse trabalho traz para a vida das pessoas, como o dia-a-dia delas se modifica a partir disso. Acontecem grandes e positivas mudanças. A conscientização de que comprar da Economia Solidária contribui não só o seu produtor, mas desenvolve a comunidade de onde vem o produto, é muito importante. Cito, por exemplo, o caso da Aturoi³. Seus membros têm consciência ecológica,

³ Aturoi: Associação dos Trabalhadores Urbanos de Recicláveis Orgânicos e Inorgânicos. O grupo foi criado em 2001, a partir de um núcleo do Movimento dos Trabalhadores Desempregados (MTD), da região metropolitana de Porto Alegre. Os membros da sociedade atuam na coleta e triagem de resíduos recicláveis. Atualmente, a equipe é formada por 11 membros, os quais reciclam e comercializam cerca de 800 quilos de matérias por semana. O galpão de reciclagem está localizado no bairro Vicentina, em São Leopoldo. Na edição 211, do dia 12-3-2007, intitulada *Amazônia, verdades e mitos*, a IHU On-Line

sabem que seu trabalho faz bem para o mundo e desenvolve de forma sustentável com a comunidade com a qual se envolve.”

Renata dos Santos Hahn, estudante de Administração de Empresas na Unisinos, 6º semestre, e bolsista do Programa Tecnologias Sociais, do IHU.

entrevistou José Alencar Pereira, o “Dico”, membro da Aturoi. (Nota da IHU On-Line)

“A Economia Solidária no Brasil está avançando na sua organização política”

ENTREVISTA COM ROBERTO MARINHO ALVES DA SILVA

Apesar da importância que os empreendimentos da Economia Solidária vêm adquirindo, eles apresentam, ao mesmo tempo, grandes fragilidades, aponta o Coordenador-Geral de Estudos da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES) Roberto Marinho Alves da Silva. Ele explica que “61% dos Empreendimentos da Economia Solidária afirmaram ter dificuldades na comercialização, 49% para acesso a crédito, e 27% não tiveram acesso a apoio ou assistência técnica”. Há quatro anos, segundo ele, a Economia Solidária era quase invisível para grande parte da sociedade. Embora as articulações da Economia Solidária tenham recebido impulso na década de 1990, Silva ressalta a necessidade de a sociedade conhecê-la e “reconhecer o seu papel estratégico na construção de alternativas de desenvolvimento”, já que ela “aponta para uma nova lógica de desenvolvimento sustentável”.

Roberto Marinho Alves da Silva é graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, mestre em Ciência Política pela Universidade Federal de Pernambuco e doutor em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília. Atualmente, ele é requisitado do Ministério do Trabalho e Emprego, onde exerce o cargo de Coordenador-Geral de Estudos da Secretaria Nacional de Economia Solidária. De suas produção bibliográfica, destacamos os artigos Desenvolvimento solidário e sustentável (Cadernos Cáritas, Brasília, v. 6, n. 1, p. 5-72, 2005) e Das alternativas de sobrevivência à Economia Solidária: a trajetória da Cáritas Brasileira (Revista Proposta, Rio de Janeiro, n. 97, p. 80-89, 2003).

Confira a entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line:

IHU On-Line - Que tipo de políticas públicas devem ser desenvolvidas pelo governo para fortalecer a Economia Solidária? Como o senhor avalia o desempenho da secretaria nacional de Economia Solidária e suas ações até o momento?

Roberto Marinho Alves da Silva - Partimos de uma compreensão de que a Economia Solidária se refere a um conjunto de iniciativas coletivas de produção, comercialização, finanças e consumo que privilegia a autogestão e a cooperação em empreendimentos coletivos, sob a forma de cooperativas ou associações, redes e cadeias produtivas.

O mapeamento da Economia Solidária no Brasil, iniciado em 2005, identificou a existência de quase 15 mil desses empreendimentos econômicos solidários, com mais de um milhão e duzentos mil homens e mulheres que realizam uma extensa variedade e expressiva quantidade de produtos e serviços. Apesar da importância que vêm adquirindo, esses empreendimentos apresentam grandes fragilidades. Essa realidade requer o fortalecimento do processo organizativo para a conquista de política pública de Economia Solidária.

A Economia Solidária no Brasil está avançando na sua organização política, constituindo fóruns e redes. Essas articulações ganharam impulso no final da década de 1990 e se consolidaram com a criação do Grupo de Trabalho Brasileiro de Economia Solidária, no ano 2001. Em junho de 2003, foi criado o Fórum Brasileiro de Economia Solidária. A Economia Solidária no Brasil também vem conquistando o apoio e reconhecimento público. Criada em junho de 2003, a Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES) tem o objetivo de promover o fortalecimento e a divulgação da Economia Solidária, visando à geração de trabalho e renda, à inclusão social e à promoção do desenvolvimento justo e solidário. Desde a sua criação, vem implementando um conjunto de ações de apoio e fomento a empreendimentos e redes econômicas solidárias, em

parceria com diversos órgãos do Governo Federal. Essas iniciativas buscam expressar uma nova lógica de ação pública de apoio às iniciativas econômicas solidárias como um direito e garantia de acesso ao trabalho digno.

IHU On-Line - De que maneira projetos de fomento e assistência tecnológica podem contribuir para a consolidação e ampliação dos trabalhos realizados através da Economia Solidária?

Roberto Marinho Alves da Silva - A SENAES apóia a constituição e o fortalecimento de empreendimentos econômicos solidários, incentivando a cooperação e a formação de redes solidárias em todo o território nacional, o que acaba por facilitar o acesso à infraestrutura para produção e o apoio nas atividades organizativas e formativas. No total, desde 2004, cerca de 2.500 empreendimentos receberam apoio do Governo Federal para aprimorar sua capacidade de geração de trabalho e renda. Os agentes de desenvolvimento solidário, por exemplo, estão atuando em cerca de 500 comunidades, propiciando o apoio e assessoria para constituição de empreendimentos econômicos solidários e beneficiando milhares de trabalhadores. Também foi dado início a parcerias com Bancos Públicos, que financiam iniciativas de Economia Solidária, a exemplo do BNB, com o apoio a Fundos de Projetos Produtivos Solidários. As Feiras de Economia Solidária têm beneficiado milhares de empreendimentos em todos os estados da federação. Deve-se destacar, também, o apoio a processos de recuperação de empresas por trabalhadores organizados em autogestão.

IHU On-Line - Que mudanças são necessárias na sociedade, para que o projeto da Economia Solidária consiga expandir com maior amplitude? Há preconceito na sociedade em relação a esse tipo de atividade?

Roberto Marinho Alves da Silva - Em primeiro lugar, a sociedade precisa conhecer a Economia Solidária e

reconhecer o seu papel estratégico na construção de alternativas de desenvolvimento. Há quatro anos atrás, tínhamos consciência de que ela era quase que invisível para a sociedade, para o Estado e havia pouca identidade em torno daqueles sujeitos sociais que atuam nela. O Sistema de Informações em Economia Solidária ajudou a sociedade brasileira a conhecer melhor essa realidade, dando visibilidade aos empreendimentos econômicos solidários.

Em grande parte, ainda hoje, considera-se que os empreendimentos econômicos solidários são iniciativas compensatórias para pessoas pobres que não conseguem acesso ao mercado formal de trabalho. É claro que a Economia Solidária tem parte dessas características, mas ela comporta valores e práticas emancipatórias para essas pessoas que participam dos empreendimentos e para a sociedade como um todo. Ao democratizar as relações sociais de produção, supera a subalternidade do trabalho em relação ao capital, desenvolve as capacidades do trabalhador, valorizando o trabalho familiar, das mulheres e de outros setores excluídos da sociedade. Seus resultados econômicos, políticos e culturais são compartilhados pelos participantes. Implica na reversão da lógica capitalista, ao se opor à exploração do trabalho e dos recursos naturais, considerando o ser humano na sua integralidade como sujeito e finalidade da atividade econômica. Considerando essas características, a Economia Solidária aponta para uma nova lógica de desenvolvimento sustentável.

IHU On-Line - Ao falar de Economia Solidária, quais são as diferenças entre teoria a prática? Qual é a realidade da Economia Solidária, hoje?

Roberto Marinho Alves da Silva - As concepções sobre a Economia Solidária devem ser entendidas como expressão de um contexto muito recente de expansão dessa outra economia no cenário nacional. Tem pouco mais de uma década que o conceito de Economia

Solidária passou a ser utilizado no Brasil de forma mais sistemática, por militantes e pesquisadores. Ainda hoje permanecem várias concepções e formas de nomeação em relação a este fenômeno. Em sua maior parte, essas formulações ainda idealizam a realidade da Economia Solidária. Daí a importância do Sistema de Informações em Economia Solidária, que revela os seus avanços socioeconômicos, suas práticas e valores emancipatórios, mas também leva a uma compreensão sobre as dificuldades enfrentadas pelos empreendimentos econômicos solidários.

Com base no SIES, foi constatado, por exemplo, que 61% dos Empreendimentos de Economia Solidária (EES) afirmaram ter dificuldades na comercialização, 49% para acesso a crédito, e 27% não tiveram acesso a apoio ou assistência técnica. As dificuldades de comercialização estão relacionadas à insuficiência de capital de giro. Os investimentos iniciais dos empreendimentos têm origem, em sua esmagadora maioria, dos próprios sócios (com 61,1% das menções). Pode-se supor que a dependência de recursos dos próprios associados ou de doações cerceia o surgimento e o desenvolvimento dos empreendimentos, e compromete as condições necessárias à sustentabilidade deles. As dificuldades de acesso ao crédito, à assistência técnica e à comercialização, explicam o baixo faturamento mensal de mais de dois terços dos EES e, conseqüentemente, da baixa remuneração dos seus associados: dos 14.954 empreendimentos econômicos solidários identificados no SIES até 2005, 8.870 (59,3%) informaram a remuneração dos sócios. Deste total, 50% têm remuneração com valor até meio salário mínimo (SM) válido para 2005.

IHU On-Line - Além de amenizar os problemas sociais e econômicos, que outros benefícios a Economia Solidária proporciona a seus participantes?

Roberto Marinho Alves da Silva - Os dados revelados pelo mapeamento da Economia Solidária indicam que

está em constituição uma alternativa de inclusão social pela via do trabalho e da renda. Isso é possível quando ocorre a combinação da cooperação, da autogestão e da solidariedade na realização de atividades econômicas. Os três principais motivos para a criação dos EES são alternativa ao desemprego (45%), complemento da renda dos sócios (44%) e obtenção de maiores ganhos em uma iniciativa associativa (41%).

Também existem benefícios do ponto de vista da autogestão. A participação ocorre nas decisões cotidianas, na escolha da direção dos empreendimentos, na prestação de contas que é realizada em assembleias e reuniões e no acesso dos associados aos registros e informações. Além disso, percebe-se a ocorrência de algumas melhorias na capacitação dessas pessoas, nas novas relações que se estabelecem entre produtores e consumidores, no respeito ao meio ambiente e na participação em movimentos sociais.

IHU On-Line - Como se dá o diálogo e as relações entre a Economia Solidária e os movimentos ecológicos? De que maneira esses movimentos têm contribuído para criar uma sociedade auto-sustentável?

Roberto Marinho Alves da Silva - Do total de empreendimentos identificados pelo Sistema de Informações em Economia Solidária, 67,4% afirmam que se preocupam com a qualidade de vida dos consumidores de seus produtos e serviços, e 58,2% têm compromisso social ou comunitário. Quanto à preocupação com a qualidade de vida e o meio ambiente, constata-se que, dentre outras preocupações apresentadas pelos EES, temos 4.280 (28,6%) empreendimentos que afirmam oferecer produtos orgânicos ou livres de agrotóxicos, enquanto que 4.754 (31,8%) afirmam realizar reaproveitamento dos resíduos.

IHU On-Line - O senhor afirma que o caminho para chegar à verdadeira democracia, aquela que supera as formas de discriminação, se dará através da lógica da solidariedade e da sustentabilidade. Isso é possível num mundo em que as pessoas estão cada vez mais individualistas e deslumbradas com o consumo?

Roberto Marinho Alves da Silva - O desafio da construção do desenvolvimento solidário e sustentável passa por mudanças estruturais, na transformação dos atuais modelos socioeconômicos de produção e de distribuição das riquezas, e por mudanças culturais profundas, superando as concepções e práticas predominantes de exploração da natureza e do trabalho humano. Do ponto de vista da solidariedade, é preciso, sobretudo, promover a inclusão de todas as pessoas em seus benefícios, democratizando o acesso e partilha dos bens comuns. Esse é o aspecto ético do desenvolvimento que se baseia na igualdade real (e não apenas formal), no direito à vida com dignidade. Exige a afirmação de compromisso com uma sociedade não excludente. A sustentabilidade exige não apenas mudanças tecnológicas e regramentos na exploração dos recursos naturais, mas o rompimento com a visão utilitarista do meio ambiente, reconhecendo os laços de solidariedade entre as diferentes formas de vida, da percepção do ser humano como parte da natureza. É preciso uma nova consciência de reciprocidade como sentimento, crença e valor em todas as ações humanas, no cuidado com a vida e com o Planeta. Na esfera da política, é preciso construir novos conceitos e novas relações de poder baseadas na solidariedade, na orientação ética de servir e defender os interesses da coletividade, respeitando as diversidades e ampliando as formas e mecanismos de participação. Trata-se da construção de novas relações igualitárias de classe, gênero, raça, etnia e geração.

Enfim, para superação do individualismo, é preciso também valorizar a solidariedade como condição de associação, de articulação de esforços e compromissos

voltados para a superação de todas as formas de destruição da vida. Cultivar a solidariedade é congrega e organizar os que são destituídos de direitos, os que são vítimas da exclusão social e econômica, na construção de um novo projeto societário.

IHU On-Line - Qual, atualmente, é o principal impasse para a construção de novas ações dentro da Economia Solidária?

Roberto Marinho Alves da Silva - Apesar dos avanços, é necessário ampliar o espaço institucional da Economia Solidária nas definições estratégicas dos Planos de Governo, sobretudo vendo-a como uma das formas emancipatórias de inclusão social e como alternativa de organização do trabalho autogestionário, gerando renda e contribuindo para a redução das desigualdades sociais. Além disso, a Economia Solidária pode e deve ser reafirmada como orientação das atividades econômicas sustentáveis, de promoção do comércio justo e do consumo consciente no âmbito do necessário esforço a ser realizado pela sociedade brasileira.

Deve-se dar especial atenção às prioridades da Primeira Conferência Nacional de Economia Solidária, realizada em 2006, viabilizando o adequado reconhecimento jurídico dos empreendimentos econômicos solidários e ampliando os programas de formação e assistência técnica, de crédito e finanças solidárias, de comercialização etc. Para isso, faz-se necessário ampliar significativamente os recursos e a inclusão de ações de Economia Solidária nos diversos programas de Governo. Do ponto de vista da participação social, é preciso estimular à criação de esferas públicas, fortalecendo a participação e o controle social na formulação, desenvolvimento, acompanhamento, fiscalização e avaliação das políticas, para aperfeiçoá-las e legitimá-las socialmente.

IHU On-Line - Na sua avaliação, o estado tem sido capaz de responder à Economia Solidária ou ele acaba fomentando e dificultando o trabalho da Economia Solidária?

Roberto Marinho Alves da Silva - De modo geral, as ações realizadas e os resultados alcançados indicam que nos últimos anos ocorreram avanços na constituição de uma política pública federal para a Economia Solidária no Brasil. A visibilidade da Economia Solidária tem contribuído para processos de auto-reconhecimento dos atores, desenvolvendo o potencial de organização das iniciativas em fóruns, redes e cadeias produtivas. O processo de reconhecimento da importância da Economia Solidária no Brasil resulta em avanços na institucionalização de política pública para o setor.

Além da criação da SENAES, em 2003 foi elaborado o Programa Economia Solidária em Desenvolvimento, articulando ações de fomento, formação e divulgação. Em 2006, foi realizada a I Conferência Nacional de Economia Solidária, mobilizando mais de quinze mil pessoas. Logo após a Conferência, foi instalado o Conselho Nacional de Economia Solidária, com 56 membros, sendo a maioria da sociedade civil (empreendimentos, movimentos sociais e ONG's). Além disso, tem havido a ampliação e o fortalecimento de políticas públicas estaduais e municipais de Economia Solidária.

IHU On-Line - Se a Economia Solidária não reduz o desenvolvimento à dimensão econômica e utiliza-se de diversos instrumentos para consolidar gradativamente uma cultura de solidariedade, por que as políticas de desenvolvimento territorial e local não ganham maior incentivo nas regiões?

Roberto Marinho Alves da Silva - O atual governo brasileiro vem valorizando as territorialidades e implementando estratégias e programas de desenvolvimento territorial. Pode-se destacar o

Programa Nacional de Desenvolvimento Sustentável de Territórios Rurais - PRONAT, desenvolvido pela Secretaria de Desenvolvimento Territorial do Ministério do Desenvolvimento Agrário em parceria com outros ministérios e órgãos federais, estaduais e municipais e envolvendo a sociedade civil. Também existem avanços nos Consórcios de Segurança Alimentar e Desenvolvimento - CONSAD's, desenvolvido pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, para a promoção de atividades produtivas solidárias e de segurança alimentar. Também existem iniciativas de desenvolvimento de messorregiões, faixas de fronteira e nos biomas (Caatinga, Cerrado, Amazônia, Pantanal, entre outros).

A valorização das metodologias endógenas de planejamento e intervenção, considerando as diversidades dos espaços locais e territoriais, significa um avanço político em relação às concepções tradicionais, autoritárias e verticalizadas de desenvolvimento. Uma das motivações para o desenvolvimento territorial é a constatação das limitações do desenvolvimento planejado de fora para dentro, considerando apenas as estratégias locais dos investimentos privados, que têm por base a maior valorização possível do capital. No entanto, a história recente do Brasil aponta para as

consequências diretas das políticas macroeconômicas nos diversos espaços ou territorialidades, diante das fragilidades e dependência desses espaços em relação aos fundos públicos nacionais. Há, também, um reconhecimento de que a promoção do desenvolvimento exige a ampliação das ações para além das iniciativas econômicas, devendo considerar os aspectos sociais, ambientais, culturais e os arranjos das cadeias produtivas.

A principal dificuldade é o baixo investimento dos governos nessas iniciativas de desenvolvimento local e territorial. Os investimentos públicos são direcionados, ainda, em sua maior parte de acordo com outras lógicas de desenvolvimento. Além disso, os planos e programas estratégicos não consideram adequadamente os imbricamentos entre os espaços locais, territoriais, regionais e nacionais. Daí a importância e urgência de construção de políticas nacionais integradas de desenvolvimento que considerem a superação das desigualdades regionais historicamente construídas e as diversidades territoriais para promoção da qualidade de vida para todos e todas. Nesse aspecto, ainda há um longo caminho a ser percorrido nas ações governamentais.

“É um sentimento ótimo trabalhar em conjunto”

“Moramos num conjunto habitacional de ocupação, no Guajuviras, em Canoas. A maioria das mulheres da nossa comunidade trabalha em Porto Alegre. Como fica longe e temos nossos filhos, é complicado não ter onde deixá-los enquanto trabalhamos fora. Eu, por exemplo, tive dois filhos, um seguido do outro. Não podia pagar alguém para cuidá-los, e eu precisava trabalhar. Então, em 1998, conversando entre mulheres, tomamos a decisão de fazer um trabalho em casa para conseguir dar conta de criar nossos filhos e cuidar da casa. Algo que envolvesse meio turno do nosso dia. Começamos, então, a fazer bolachas. Mas tinha que ser algo diferente dos produtos que já existiam nos supermercados. Como só havia produtos industrializados, criamos bolachas caseiras. Iniciamos pelas bolachas cobertas de merengue, aí incrementamos com broas de polvilho e milho. Hoje, temos mais de 12 tipos de bolachas. Servimos muitos coquetéis e também oferecemos biscoitos salgados nos sabores gergelim, linhaça, orégano e queijo. Essas são receitas próprias. Seis mulheres trabalham nas atividades de produção de bolachas, e o nome do nosso empreendimento é *BMBC Produtos Caseiros*.

O início das atividades aconteceu através do Projeto Multiplicar, de geração de renda, aqui do Guajuviras. Participamos do Fórum Metropolitano de Economia Solidária, do projeto Etiqueta Popular e de feiras em parceria com a Prefeitura de Porto Alegre. Como não tínhamos uma sede própria para a produção das bolachas, fazíamos tudo de “fundo de quintal”. Lutamos juntas para conseguir verbas e hoje temos uma sede, tudo através da Economia Solidária. Em outubro, fomos contemplados com o projeto da Petrobrás, do CECAM, incubadora da Unilasalle. Nossa sede se chama Centro Integrado de Economia Solidária e Cidadania do Guajuviras, onde funcionam cinco grupos ligados à economia solidária. É um sentimento ótimo trabalhar em conjunto, criar novidades, oferecer nossos produtos. E nossa experiência está aí para provar que, quando se quer, é possível concretizar a Economia Solidária.”

Leidi Rosa Toniolo da Silva, integrante da BMBC Produtos Caseiros.

O caminho de afirmação de uma outra forma de economia

ENTREVISTA COM LUIZ INÁCIO GAIGER

De acordo com o professor Luiz Inácio Gaiger, muitos empreendimentos enfrentam dificuldades no desenvolvimento autogestionário e político. Nesse sentido, Gaiger explica que as novas pesquisas têm buscado verificar como “os elementos de cooperação solidária se articulam com os elementos de produtividade”, criando, assim, o que ele chama de “círculo virtuoso”, no qual o crescimento do empreendimento vai depender do desenvolvimento autogestionário.

Luiz Inácio Gaiger é graduado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mestre em Sociologia da Religião, pela Université Catholique de Louvain, e doutor em Sociologia da Religião e dos Movimentos Sociais, pela Université Catholique de Louvain. Atualmente, Gaiger é professor da Unisinos, onde coordena o Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, mestrado e doutorado.

Confira a seguir, a entrevista concedida, por e-mail, à IHU On-Line.

IHU On-Line - Ao falar de Economia Solidária, quais são as diferenças entre teoria e prática?

Luiz Inácio Gaiger - Teoria e prática nunca coincidem. Isto é natural, pois se referem a diferentes ordens da realidade. A teoria corresponde a uma ordem essencialmente mental, intelectual, que estabelece os elementos explicativos fundamentais de funcionamento de uma realidade empírica (no caso de teorias analíticas) ou sustenta um corpo de valores e princípios (no caso de uma teoria política ou atinente à nossa intervenção na realidade). Acreditar que o movimento real, concreto, da Economia Solidária tende ou deve seguir a ordem das nossas propostas, isto é, nossas idéias, é recair num pensamento idealista. Nos despojarmos das idéias, por outro lado, nos retira os critérios necessários à nossa ação, assim como os objetivos dela. A Economia Solidária desenvolve um conjunto de princípios (teoria em atos) na prática das experiências, de modo muito variado,

segundo as circunstâncias e os ideais de seus protagonistas efetivos. Ao mesmo tempo, muitas experiências aglutinam-se num grande movimento social, reunido no Fórum Brasileiro, que defende, por deliberação (isto é, escolha) política, um conjunto de valores e uma plataforma de ação. Naturalmente, o movimento cria uma visão projetiva de si mesmo, relacionada a um estado futuro desejável, ainda distante da realidade de muitas experiências. Como estudioso do tema, creio que não se pode dizer quais são as lacunas ou hiatos mais importantes, de modo geral, mas sempre aplicar um determinado método de análise (utilizando, por exemplo, indicadores), como temos feito em nossas pesquisas.

IHU On-Line - Que relação podemos estabelecer entre o mapeamento da Economia Solidária e as cadeias produtivas?

Luiz Inácio Gaiger - O mapeamento levantou os dados indispensáveis a qualquer análise do perfil dos empreendimentos (por zona de implantação, território, setor econômico ou outros critérios) e a todo estudo sistêmico que tenha por objetivo favorecer a cooperação entre os empreendimentos. Nesse caso, entram as cadeias produtivas solidárias, cujo modelo atual pode ser encontrado na experiência da Justa Trama [www.justatrama.com.br]: vários empreendimentos associam-se, cada um assumindo uma etapa do processo produtivo, até a confecção do produto final, sempre com base em critérios ambientais e sociais de produção e comercialização. O mapeamento permite descobrir os nichos potenciais de cadeias ainda inexistentes.

IHU On-Line - Quais são as características básicas que deve ter um grupo da Economia Solidária? Quais os valores que devem pautar as práticas de um grupo de Economia Solidária?

Luiz Inácio Gaiger - Naturalmente, não cabe a mim defini-lo, mas aos empreendimentos e atores da Economia Solidária. O que observamos é a partilha, inicialmente espontânea, de um certo número de valores e princípios, como a cooperação produtiva, a participação, a autogestão e o engajamento social dos integrantes dos empreendimentos. O Fórum Brasileiro, por sua vez, defende um conjunto de princípios, que certamente evoluirão com o tempo. Em nossas pesquisas, temos buscado verificar como os elementos de cooperação solidária se articulam com os elementos de produtividade, de modo a criarem um círculo virtuoso em que o crescimento econômico e material do empreendimento dependa do seu desenvolvimento autogestionário e político. Pode-se dizer que muitos

empreendimentos sentem esse desafio e procuram justamente enfrentá-lo, sendo ele o caminho de afirmação de uma outra forma de economia.

IHU On-Line - Como está a Unisinos na pesquisa sobre Economia Solidária? Quais são os avanços e mudanças que vêm surgindo recentemente?

Luiz Inácio Gaiger - A Unisinos exerce uma liderança nesse campo, do mesmo modo que no campo do cooperativismo. Temos pesquisas contínuas há mais de 12 anos sobre a Economia Solidária e contamos com o único Programa de Pós-Graduação no Brasil (Mestrado e Doutorado) que oferece uma Linha de Pesquisa específica. Além de pesquisas qualitativas, estamos trabalhando com os dados do Primeiro Mapeamento Nacional, em primeiríssima mão. Os resultados dessas pesquisas figuram no sítio do Grupo de Pesquisa: www.ecosol.org.br.

IHU On-Line - Quando uma cooperativa com base na Economia Solidária começa a crescer, ela passa a ser vista, muitas vezes, como uma cooperativa industrial, e assim sendo, é criticada. A partir de que momento ela deixa de ser entendida como um empreendimento da Economia Solidária?

Luiz Inácio Gaiger - Não pelo fato de ter crescido. Crescer é natural e muitas vezes indispensável. O critério é o método empregado e o possível afastamento dos princípios solidários, como a participação democrática e a identidade entre associados e trabalhadores. Se uma cooperativa com 30 sócios passa a empregar assalariados em maior número, converte-se numa empresa baseada em relações de produção capitalistas: mesmo que os empregados sejam bem tratados e pagos, não desfrutam de nenhum poder, restrito aos sócios. O crescimento pode, no entanto, ocorrer com a admissão progressiva de mais sócios.

“A vida e o ser humano estão acima do capital”

ENTREVISTA COM LOURDES DILL

“Um dos eixos norteadores da Economia Solidária é a autogestão, a cooperação e a solidariedade”, afirma a Irmã Lourdes Dill. Ela aponta as pequenas iniciativas como importantes contribuições na geração de trabalho e renda nas cidades, e diz que a Economia Solidária “cresceu muito nos últimos anos no Rio Grande do Sul, no Brasil e no mundo inteiro”.

Lourdes Dill coordena a Feira de Economia Solidária, além do Projeto Esperança/Coesperança, desenvolvido pela Diocese de Santa Maria (RS), juntamente com a Cáritas Regional - RS. O Projeto, que funciona desde 1987, articula e congrega experiências da referida economia popular e solidária, no meio urbano e rural. Apóia-se no associativismo, buscando construir um modelo de cooperativismo autogestionário.

*Sobre esse tema, Lourdes Dill concedeu outra entrevista à IHU On-Line, em 13 de setembro de 2004, na Edição 115, intitulada Economia social e consumo ético. A entrevista Produzir e consumir de maneira solidária e ética *pode ser conferida no sítio do IHU* (www.unisinos.br/ihu). Irmã Lourdes Dill também foi entrevistada em 5-3-2007, semana da morte de Dom Ivo Lorscheiter. A entrevista Dom Ivo Lorscheiter morreu. Ele foi um gigante da esperança está disponível no sítio do IHU.*

Confira a entrevista para esta edição, concedida por Lourdes Dill à IHU On-Line, por e-mail:

IHU On-Line - O que significa o Projeto Esperança/Coesperança para a região de Santa Maria?

Lourdes Dill - O projeto Esperança/Coesperança, na região de Santa Maria, significa a força e o símbolo de Economia Solidária, pois são 27 anos de estudo e reflexão e 20 anos de prática ininterrupta que faz de Santa Maria uma força promissora no fortalecimento da Economia Solidária do Brasil e da América Latina. Este trabalho tem um apoio histórico e importantíssimo de Cáritas Brasileira - RS e de muitas entidades parceiras, como a UNISINOS, UFSM, UNIFRA entre outros.

IHU On-Line - De que maneira a Economia Solidária contribui para a construção de uma sociedade igualitária? De forma concreta, essa política está ajudando a diminuir as desigualdades sociais e a concentração de renda monopolizada? Como isso ocorre?

Lourdes Dill - A Economia Solidária contribui muito na construção dos movimentos sociais e num novo modelo de desenvolvimento solidário e sustentável. As políticas que contribuem, de forma efetiva, para diminuir

as desigualdades sociais, são a força de organização do povo, a autogestão, a produção coletiva e ecológica, a forma de tratar o meio ambiente e a distribuição justa dos bens produzidos pelos trabalhadores/as do campo e da cidade. Um dos eixos norteadores da Economia Solidária é a autogestão, cooperação e a solidariedade, em que a vida e o ser humano estão acima do capital. As pequenas iniciativas multiplicadas no Brasil e no mundo contribuem muito na geração de trabalho e renda no campo e na cidade. Por isso, fortalece esta proposta, repetida por um importante provérbio africano que afirma: “Muita gente pequena, em muitos lugares pequenos, fazendo coisas pequenas, mudarão a face da terra”.

***IHU On-Line* - Como a Economia Solidária se relaciona com outros movimentos sociais?**

Lourdes Dill - A Economia Solidária e os movimentos sociais se articulam e atuam de forma integrada e integradora. É um movimento que cresce a cada dia em Santa Maria, no Brasil e no mundo. É um movimento interativo, solidário, autogestionário e transformador, envolvendo e congregando muitas pessoas. São mais de 18 empreendimentos no Brasil.

***IHU On-Line* - Qual é o papel da Igreja na concretização da Economia Solidária?**

Lourdes Dill - Em Santa Maria, a Igreja e Ecumenismo tem um papel muito importante desde o início. Na cidade, a Economia Solidária iniciou com apoio da Igreja Católica, através do saudoso Dom Ivo Lorscheiter⁴.

⁴ Dom Ivo Lorscheiter (1927-2007): ex-bispo emérito de Santa Maria. Dom Ivo Lorscheiter nasceu numa família simples e religiosa de origem alemã. Ele foi o último bispo brasileiro nomeado pelo papa Paulo VI, durante no decorrer do Concílio Vaticano II, em 1965. Dom Ivo presidiu a CNBB durante o Regime Militar Brasileiro. Nessa época, abrigou na Igreja brasileira vários defensores da Teologia da Libertação. Dom Ivo Lorscheiter ficou conhecido por ter tentado aproximar a Igreja do povo. No sítio do IHU (www.unisinos.br/ihu) pode

***IHU On-Line* - De que maneira os governos têm favorecido as iniciativas do Projeto Esperança / Cooesperança?**

Lourdes Dill - Nos últimos anos, o Governo Municipal e o Governo Federal têm sido grandes parceiros dentro da Economia Solidária, por meio de projetos pontuais, através da SENAES (Secretaria Nacional de Economia Solidária), do Programa Nacional de Feiras, da Agricultura Familiar e do MDA (Ministério do Desenvolvimento Agrário), entre outros.

***IHU On-Line* - Numa entrevista concedida à *IHU On-Line*, em 2004, a senhora disse que a EPS é um dos caminhos promissores para muitos países, e que ela contribui de maneira significativa para a geração de trabalho e renda para trabalhadores/as. Por que a senhora classifica a EPS como um dos caminhos promissores para vários países? Como a senhora reavalia a EPS, três anos depois?**

Lourdes Dill - A Economia Solidária cresceu muito nos últimos anos no Rio Grande do Sul, no Brasil e no mundo inteiro. As políticas públicas se fortalecem hoje, através da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES), dos Fóruns Sociais Mundiais, de feiras, de Cursos de Formação e de todas atividades interativas que contribuem de forma significativa neste trabalho como um todo. Esse é o modelo de desenvolvimento do futuro do Brasil e do mundo.

***IHU On-Line* - Como a senhora avalia os resultados da feira de Santa Maria?**

ser acessada a entrevista *A igreja e os meios de comunicação social*, com Dom Ivo. A entrevista foi realizada por Alexandre Tremarin e Herton Carvalho, ex-bolsistas de Iniciação Científica do Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes, no dia 9-12-2005 e republicada em 5-3-2007. No sítio, também podem ser conferidas notícias sobre Dom Ivo Lorscheiter. (Nota da *IHU On-Line*)

Lourdes Dill - Os resultados da Feira de Santa Maria, já nas edições passadas, nos últimos anos, têm melhorado de forma muito promissora. É um projeto de muito futuro inspirado no Fórum Social Mundial e fortalece “Um outro mundo possível”. Existe uma frase do provérbio chinês que nos motiva a trabalhar de forma

autogestionária, organizativa e transformadora. “Se quiseres fazer planejamento para um ano, plante cereais; se quiseres fazer planejamento para trinta anos, plante árvores; se quiseres fazer planejamento para cem anos, organize e motive a organização do povo”.

“Alcançar a autogestão é um dos maiores desafios dos grupos de reciclagem”

ENTREVISTA COM ROQUE SPIES

Há 17 anos, Roque Spies trabalha em grupos de reciclagem, e conta que geralmente “as pessoas procuram a reciclagem como último recurso de obter alguma renda”. Entretanto, ressalta que muitas pessoas tiveram a oportunidade de melhorar de vida, através desse trabalho. Ao longo de sua profissão, ele aprendeu que, para obter uma renda satisfatória, é necessário ter “disposição para o trabalho coletivo”. Mas pontua que o trabalho com reciclagem gera muita cobrança da sociedade, que exige trabalhadores “ambientalmente corretos”. Sobre essa questão, ele dispara: “Adquirir esta consciência demanda muita reflexão que é dificultada pela busca do pão”.

Roque Spies vive em Dois Irmãos, onde trabalha como assessor de grupos de reciclagem. O Perfil Popular desta edição conta a história de vida da esposa de Roque Spies, Odete Maria Faustino Spies. Ele concedeu a entrevista a seguir, por e-mail, à IHU On-Line. Confira:

IHU On-Line - O senhor pode falar um pouco sobre sua experiência com os grupos de reciclagem? O que o senhor mais aprende com essas pessoas?

Roque Spies - Trabalho em grupos de reciclagem desde 1990, quando tive a primeira experiência numa cooperativa do bairro Roselândia, em Novo Hamburgo. Foi um grande desafio. Em 1994, tive a satisfação de realizar o sonho de fazer a reciclagem na cidade onde

morou: Dois Irmãos. A Prefeitura nos apoiou para organizar um grupo e manter o trabalho. Hoje, a Associação de Recicladores de Dois Irmãos é muito visitada por outros grupos de reciclagem, prefeituras, estudantes e outros.

Além de realizar a triagem, a maioria dos plásticos são moídos, lavados e secados. Assim, acontece uma considerável agregação de valor. Para chegar neste

ponto, é necessário capacitar e formar todos os associados. Assim, nosso resultado consiste em alcançar uma remuneração mais digna para um trabalho que enfrentou muito preconceito no seu início.

Tenho observado que as pessoas procuram a reciclagem como o último recurso de obter alguma renda. Mas elas só obtêm uma renda satisfatória se tiverem a disposição para o trabalho coletivo, abertas para novos conhecimentos, para a permanente capacitação e formação para a autogestão. Para muitos, a reciclagem deu uma oportunidade de renda e resgate da pessoa. Vejo que acontecem muitas coisas bonitas entre os recicladores, mas também muitas dificuldades, de toda ordem.

Sempre tive a visão de que grupos de Economia Solidária não conseguem andar isolados. Por isso, tenho me dedicado na articulação dos grupos de reciclagem no Vale do Sinos e fiz parte da coordenação da Federação de Associações de Reciclagem do Rio Grande do Sul. Na Economia Solidária, o conhecimento precisa ser repartido. Por esta razão, tenho me dedicado a ajudar outros grupos na sua capacitação para o trabalho e gestão, com mais intensidade.

***IHU On-Line* - Como é a Economia Solidária aplicada nos grupos de reciclagem?**

Roque Spies - Os grupos de reciclagem têm feito um grande esforço para manter sua sustentabilidade, tanto no econômico como no social. As experiências são bem diversificadas. Em alguns casos, há fortes parcerias com as prefeituras que realizam a coleta seletiva e entregam o material num galpão, com equipamentos, cedido pela mesma. Em outros casos, os próprios recicladores precisam ir às ruas coletar materiais recicláveis. Assim, tudo fica mais difícil.

Quando existe a possibilidade de obter uma renda razoável, diminui a rotatividade de associados. Então, o grupo começa a fazer história na sua organização

interna. Aprender a trabalhar e conviver em grupo, utilizando canais de participação para alcançar a autogestão é um dos maiores desafios dos grupos de reciclagem. Outra questão importante é a ambiental. Há muita cobrança por parte da sociedade, para que os trabalhadores sejam ambientalmente corretos. Mas adquirir esta consciência demanda muita reflexão, que é dificultada pela busca do pão.

***IHU On-Line* - Quais são as características básicas que deve ter um grupo da Economia Solidária? Quais os valores que devem pautar as práticas de um grupo que a pratica?**

Roque Spies - Um grupo de Economia Solidária deve ser formado por pessoas comprometidas, autônomas, participativas. O conhecimento de seus membros deve ser compartilhado em benefício de todos. As decisões devem ser democráticas, os negócios e a prestação de contas devem ser transparentes, e não deve haver muita diferença na remuneração. Trato igualitário entre homens e mulheres também é importante. Levar em conta as questões ambientais, se engajar na comunidade e ter compromisso na construção de um mundo mais justo são questões fundamentais. Valores como solidariedade, entre-ajuda e cooperação devem estar sempre presentes.

***IHU On-Line* - Com base na sua experiência, a Economia Solidária é uma alternativa à crise do trabalho assalariado ou constitui uma nova cultura do trabalho?**

Roque Spies - Parece que a situação está meio confusa. A maioria das pessoas que procuram os grupos de Economia Solidária busca uma alternativa de trabalho. Geralmente, não têm muita disposição para construir a proposta do trabalho coletivo e todas as suas implicações. Como alternativa à crise de emprego assalariado, a Economia Solidária ainda é pouco

expressiva nos números. Existem pessoas que criam organizações buscando um novo sentido para o trabalho. Ouço pessoas de grupos solidários afirmarem que não se adaptariam mais a um trabalho assalariado. Eu também.

***IHU On-Line* - Qual é o perfil do trabalhador da Economia Solidária?**

Roque Spies - A maioria são pessoas desprezadas no mercado de trabalho, seja por idade, por falta de qualificação ou por inexistência de postos de trabalho. Ultimamente, o número de jovens também tem aumentado. Há também um grupo de pessoas com boa formação atuando em entidades e universidades comprometidas com a causa. Também alguns gestores públicos.

***IHU On-Line* - Qual é sua opinião sobre as trocas dentro da Economia Solidária? Elas são importantes? Por quê?**

Roque Spies - Acho que são importantes porque mobilizam as pessoas e grupos pela causa da Economia Solidária. Valorizam a criatividade e alimentam valores inerentes à Economia Solidária.

***IHU On-Line* - Quais são as diferenças entre teoria a prática quando se fala de Economia Solidária?**

Roque Spies - É desejável que a teoria brote da experiência prática e esta ilumine para uma nova prática. O que se observa é que há bastante discurso, aprendido em livros e não experimentado na prática. Preciso haver esta coerência. Os trabalhadores dos grupos de Economia Solidária precisam ter a oportunidade do contato com os pensadores para alimentar sua reflexão sobre o fazer.

“A única esperança para a humanidade passa por incorporar maiores doses de solidariedade”

ENTREVISTA COM PABLO GUERRA

De acordo com o sociólogo uruguaio, Pablo Guerra, a economia de seu país está sendo construída pelos setores populares, “muitas vezes excluídos do mercado capitalista de trabalho”. Ele afirma que o Governo Nacional do Uruguai ainda “não conta com políticas específicas dirigidas ao setor”.

Ao lado da Economia Solidária, o sociólogo considera as questões ambientais fundamentais para o auto-sustentabilidade do planeta e pondera: “Se não mudamos a forma de fazer economia em todas suas variantes (desde a produção até o consumo), então as conseqüências ecológicas serão terríveis para toda a humanidade”.

Pablo Guerra é mestre em Ciências Sociais do Trabalho e doutor em Ciências Sociais e Humanidades. Atualmente, é professor de Sociologia do Trabalho e Economia Solidária na Universidade da República do Uruguai e na Universidade Católica do Uruguai. De sua produção bibliográfica, destacamos as obras Sociología del trabajo (Montevideo: FCU, 1998. 2. ed., Junio de 2001); Construyendo economías solidarias (Montevideo: Cáritas, 2002); Trabajo, empleo y sociedad (Montevideo: Icludu, 2003); e Mujeres de vida fácil? Las condiciones de trabajo de la prostitución en Uruguay (Montevideo: FCU, 2006).

Confira a entrevista, concedida por e-mail, à IHU On-Line:

IHU On-Line - Como se dá o desenvolvimento da Economia Solidária no Uruguai? Que tipo de ações são mais comuns nas práticas de Economia Solidária no País?

Pablo Guerra - No Uruguai, o conceito de Economia Solidária não era praticamente usado até meados dos anos 1990, quando começamos a ministrar os primeiros cursos para organizações sociais e populares, coisa que ocorre paralelamente à sentença dos primeiros cursos e pesquisas, que também nos permitiu ministrar na Universidade da República. Nesses anos, a Igreja

Católica, através da Cáritas⁵, nos convocou, além disso, para realizar diversos encontros no interior do país. Haveria que esperar, no entanto, pelo Fórum Social Mundial, com seu lema “Outro mundo é possível”, que na

⁵ Cáritas: Rede da Igreja Católica de atuação social composta por 162 organizações presentes em 200 países e territórios, com sede em Roma. Organismo da CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, a Cáritas foi criada em 12 de novembro de 1956 e é reconhecida como de utilidade pública federal. Seus agentes trabalham junto aos excluídos, muitas vezes em parceria com outras instituições e movimentos sociais. Atualmente, a Cáritas Brasileira tem quatro linhas de ação, presente em nove regionais. (Nota da *IHU On-Line*)

Economia Solidária temos parafraseado como “Outra economia é possível”, para que numerosos grupos sociais começassem a desenvolver mais sistematicamente o trabalho de divulgação. Devemos destacar, nesse sentido, o papel desempenhado pelo Fórum Social Uruguaio, que terá na Economia Solidária um dos temas de maior convocatória. Logo em seguida, no ano 2000, a Cáritas desempenhou um papel relevante, ao convocar todos os grupos que se sentiam chamados por esta temática. É assim que surge a Feira Nacional de Economia Solidária, que, desde então, se realiza todos os anos no mês de setembro, e que convoca, sobretudo, os pequenos empreendimentos da economia popular, a maioria deles de caráter associativo. A partir desta experiência, nasce o Espaço de Economia Solidária. Isto coincidiu, na época, com a maior crise social e econômica de nosso país em sua história contemporânea: o começo do século nos encontra duplicando nossa pobreza, com empresas que quebram, e com trabalhadores que começam a buscar soluções muitas vezes no associativismo (clubes de troca, empresas recuperadas, organizações econômicas populares etc.).

Em 2006, por sua vez, como fruto das políticas públicas no Departamento de Canelones, se cria o Conselho Consultivo Departamental de Economia Solidária, que consegue mobilizar cerca de 50 empreendimentos associativos do Departamento, e que chama a uma coordenação maior, com o Espaço de Economia Solidária, certos setores do cooperativismo, e do Comércio Justo Uruguaio, para avançar em novas tarefas: uma feira de caráter regional (é assim que nasce a Feira Canária de Economia Solidária e Feira do Espaço MERCOSUL Solidário) e uma Tenda de Economia Solidária (que, no momento desta entrevista, estamos inaugurando). Neste momento, todos os grupos da Economia Solidária e o comércio justo trabalham em torno ao que se tem chamado de Mesa Nacional de Economia Solidária. Podemos dizer que, nestes anos, o movimento de

Economia Solidária conseguiu convocar diversos empreendimentos populares (basicamente do setor artesanal), a Associação de Produtores Orgânicos e algumas cooperativas sociais de recente criação.

O movimento cooperativo, por sua vez, é mais antigo e de grande importância no Uruguai. Apesar de algumas atividades realizadas em comum, seus dirigentes ainda preferem evitar o conceito de Economia Solidária e são vistos, desde o setor solidário, muitas vezes como empresas com pouca projeção alternativa. O vínculo entre o velho cooperativismo e os novos movimentos sociais não deixa de ser um tema interessante para o caso latino-americano.

***IHU On-Line* - Qual é sua avaliação sobre as políticas públicas direcionadas à Economia Solidária no Uruguai? O governo federal apóia as iniciativas de Economia Solidária?**

Pablo Guerra - No Uruguai, o governo nacional ainda não conta com políticas específicas dirigidas ao setor. As primeiras políticas públicas em nosso país foram de caráter departamental. Refiro-me à Área de Economia Solidária do Governo Departamental de Canelones, que tive o orgulho de constituir em 2006. Desde então, realizaram-se cinco programas específicos: programa de capacitação, programa de comunicações, programa de comercialização, programa de Férias e programa de promoção. A novidade destas políticas é que estão inspiradas no modelo de empoderamento dos setores populares: as decisões são tomadas nas reuniões do Conselho Consultivo Departamental de Economia Solidária, onde participam delegados de todos os empreendimentos associativos do Departamento. Desde esta área, por exemplo, temos contribuído para fundar a Comissão de Economia Solidária da Rede Merco-Cidades. Creio que um dos desafios para os próximos anos é justamente pensar estas políticas públicas, mas agora de caráter nacional. Enquanto isso, o que o Governo

Nacional oferece, hoje em dia, é um Departamento de Cooperativas Sociais e uma Oficina de Fundos de Iniciativas Locais para empreendimentos associativos (ambos dependentes do Ministério de Desenvolvimento Social), e uma Comissão Honorária de Cooperativismo, sem recursos, que assessora a Presidência da República, mas onde só está representado o movimento cooperativo.

IHU On-Line - Quem é o trabalhador de Economia Solidária no Uruguai? É o desempregado que não consegue mais espaço no mercado de trabalho formal e acaba fazendo da Economia Solidária um recurso para a sobrevivência? Ou a Economia Solidária é uma escolha dos trabalhadores por outros motivos?

Pablo Guerra - Basicamente o primeiro. A Economia Solidária em nosso país, de fato, está sendo construída pelos setores populares, muitas vezes excluídos do mercado capitalista de trabalho. Aqui estão os casos dos empreendimentos populares, as empresas recuperadas etc. São poucas as experiências montadas a partir da convicção, e por parte de trabalhadores com importantes recursos de todo tipo.

IHU On-Line - Qual é a importância de valores sociais na economia? Isso funciona no mundo capitalista e globalizado em que vivemos?

Pablo Guerra - Particularmente, tenho defendido sempre em meus escritos a necessidade de incorporar um olhar ético na economia. Isso soa à economia clássica já desde seus precursores do século XVIII. Baseado nestas

convicções, insisto na necessidade de incorporar determinados valores ao processo econômico, basicamente valores como a participação, a equidade, a cooperação, o companheirismo, a honestidade, a transparência e a ajuda mútua.

IHU On-Line - Qual é a contribuição que a Economia Solidária pode trazer para o meio ambiente, para a ecologia?

Pablo Guerra - A Economia Solidária também é um movimento de idéias. Nesse sentido, se caracteriza por questionar o modelo hegemônico e propor alternativas viáveis visando a um mundo mais justo e humano. A dimensão ambiental é, desse modo, fundamental. Se não mudarmos a forma de fazer economia em todas suas variantes (desde a produção até o consumo), então as conseqüências ecológicas serão terríveis para toda a humanidade.

IHU On-Line - Qual é contribuição das economias alternativas para a sociedade, para o mercado de trabalho e para a economia mundial hoje?

Pablo Guerra - Vou resumir em um só conceito. A única esperança para toda a humanidade passa por incorporar maiores doses de solidariedade em cada um de nossos atos, incluindo os atos econômicos. A Economia Solidária cumpre, nesse sentido, um papel quase profético nos tempos que vivemos.

Empreendimentos da Economia Solidária ultrapassam faturamento de R\$ 6 bilhões por ano

ENTREVISTA COM MARIA NEZILDA CULTI

Para a economista Maria Nezilda Culti, “as universidades brasileiras têm as melhores condições para ajudar no desenvolvimento da Economia Solidária. Ela o faz por dois caminhos: o da pesquisa e o da extensão. As atividades de extensão abrem campo para a pesquisa, que, por sua vez, retorna o conhecimento e os resultados, ajudando a elaborar e reelaborar concretamente as ações na extensão. Ou seja, estamos falando de um processo de construção e reconstrução de conhecimento por meio da práxis”. As declarações foram dadas na entrevista a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line.

Professora do Departamento de Economia da Universidade Estadual de Maringá, coordenadora do GT do Programa Nacional de Economia Solidária da Unitrabalho e membro do Núcleo/Incubadora da Unitrabalho na Universidade Estadual de Maringá, Culti é graduada em Ciências Econômicas pela Universidade Estadual de Maringá (FUEM). Kursou especialização em Economia de Empresa pela mesma instituição, e mestrado em Economia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). É doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Tem experiência e pesquisas na área de Economia do Trabalho e Tecnologia. Atua principalmente com os seguintes temas: Economia Solidária, Cooperativismo, Trabalho, Desemprego, Processo de Incubação, Processo Educativo.

IHU On-Line - Como se dá a organização da Economia Solidária enquanto rede/fóruns?

Maria Nezilda Culti - Na atual conjuntura econômica, social e política, se constroem e se recompõem ações coletivas com questões e demandas diversas. Nesse processo de mutação, novos atores sociais emergem nas sociedades contemporâneas. A Economia Solidária, vista por esta ótica, é uma reação, em que o agir coletivo se coloca como uma alternativa possível para os trabalhadores que estão, em sua grande maioria, excluídos do mercado de trabalho formal e do consumo.

Nela, eles se organizam pela via da solidariedade e trabalho coletivo, associando-se em empreendimentos econômicos solidários - EES, urbanos ou rurais. Os trabalhadores contam para formarem e organizarem seus empreendimentos com instituições apoiadoras, como as Incubadoras universitárias e parcerias, tanto da esfera pública como privada. Apesar das dificuldades, a Economia Solidária cresce e são significativos os resultados e benefícios no campo da geração de trabalho e renda, da cidadania e do desenvolvimento local e meio ambiente. Há, hoje, o Fórum Brasileiro de Economia

Solidária (FBES), formado em 2001 no seio do Fórum Social Mundial (FSM) para ser um interlocutor junto ao Governo Federal e outras instâncias. Em 2003, a Economia Solidária ganha destaque com a criação, em nível federal, da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES), cujo objetivo foi formular e articular políticas de fomento a ela. Em seguida, foi iniciada a estruturação e hoje já está implantado o Sistema Nacional de Informações de Economia Solidária (SIES), que funciona no MTE/Senaes. Em 2004, também foi criada a União e Solidariedade das Cooperativas e Empreendimentos de Economia Solidária do Brasil (UNISOL) para representar os empreendimentos da Economia Solidária. Mais recentemente, em 2006, também foi constituído o Conselho Nacional de Economia Solidária, que funciona como um importante espaço de interlocução entre governo e sociedade civil. Com grande participação, já aconteceu a 1ª Conferência Nacional de Economia Solidária (CONAES) e a 1ª Feira Nacional de Economia Solidária, em São Paulo. Enfim, é dessa maneira que essa economia vem se constituindo, mas ainda é um desafio e um campo aberto de possibilidades.

IHU On-Line - As universidades brasileiras têm condições de contribuir para o desenvolvimento da Economia Solidária? Em que sentido? Qual é o papel das universidades para a solidificação e implantação da Economia Solidária nas comunidades?

Maria Nezilda Culti - Sim, as universidades brasileiras têm as melhores condições para ajudar no desenvolvimento da Economia Solidária. Ela o faz por dois caminhos: o da pesquisa e o da extensão. As atividades de extensão abrem campo para a pesquisa, que, por sua vez, retorna o conhecimento e os resultados, ajudando a elaborar e reelaborar concretamente as ações na extensão. Ou seja, estamos falando de um processo de construção e reconstrução de conhecimento por meio da práxis. Na extensão, as ações

se apresentam por meio das Incubadoras Universitárias de Empreendimentos Econômicos Solidários, que atendem à demanda crescente de trabalhadores de todo o País, que buscam formar empreendimentos. As Incubadoras são espaços que agregam professores, pesquisadores, técnicos e acadêmicos de diversas áreas do conhecimento, bem como programas internos existentes nas universidades, que visam a desenvolver as atividades de incubação de empreendimentos econômicos solidários (EES), atendendo, como disse, aos trabalhadores que tencionam organizar seus próprios empreendimentos, sejam cooperativas, associações ou empresas autogestionárias, urbanas ou rurais, como também fomentam as pesquisas teóricas e empíricas sobre a Economia Solidária. Por isso, a associação entre pesquisa e extensão já mencionada.

Incubadoras e grupos de pesquisa

Podemos destacar, nessa área, a Rede Interuniversitária de Estudos e Pesquisas sobre o Trabalho (UNITRABALHO). As Incubadoras da rede ajudam, na prática, a organizar, formar/orientar, acompanhar sistematicamente ou oferecer assessorias pontuais, procurando qualificar, técnica e administrativamente, as pessoas interessadas em formar e melhorar seus EES. Por meio de processo educativo, orientado na participação e no diálogo, instrui quanto à organização do trabalho, aos aspectos da autogestão, de ordem jurídica, contábil, financeiro, relações interpessoais e oferece outros aportes necessários. Tem como principal objetivo promover a geração e consolidação dos empreendimentos de autogestão. As Incubadoras procuram atuar em estreita articulação e parceria com os poderes públicos e com as iniciativas privadas nas localidades onde as ações são desenvolvidas.

Portanto, as universidades, por meio de suas Incubadoras e de seus Grupos de pesquisa, buscam resgatar o compromisso em disponibilizarem, para a

sociedade, o seu saber técnico e científico. Elas têm uma função relevante, além do ensino e da pesquisa, na medida em que transferem conhecimentos para uma parte da coletividade que não teve acesso ao ambiente acadêmico e tampouco ao conhecimento gerado por ela.

Um bom exemplo de Pesquisa nacional nessa área é o Projeto nacional do Mapeamento para a Ampliação da Base de Dados do Sistema Nacional de Informações em Economia Solidária-SIES, que as universidades integradas a Rede Unitrabalho estão realizando em convênio com o MTE/Senaes/FINEP. Desde a fase inicial de implantação desse sistema, as universidades estão de alguma forma participando e mais diretamente agora, na fase iniciada em 2006. O Sistema tem por finalidade constituir uma base nacional de informações em Economia Solidária com identificação e caracterização de EES e de Entidades de Apoio, Assessoria e Fomento à Economia Solidária, objetivando especialmente fortalecer e integrar os EES e subsidiar políticas públicas.

IHU On-Line - Como funciona a Rede Unitrabalho de Economia Solidária?

Maria Nezilda Culti - A Fundação Interuniversitária de Estudos e Pesquisas sobre o Trabalho - UNITRABALHO -, criada em 1996, interliga atualmente 90 universidades e instituições de ensino superior, que se agrupam em sete regionais e seus respectivos Núcleos Locais multidisciplinares, desenvolvendo estudos, pesquisas e extensão sobre o mundo do trabalho. Assiste empreendimentos de trabalhadores através dos Núcleos/Incubadoras Locais, distribuídos em 40 universidades em todo o País. Ela dispõe, na área da Economia Solidária, de um Programa Nacional de Economia Solidária e Desenvolvimento Sustentável, constituído como um espaço plural de pesquisa e atividade prática de extensão consubstanciado na luta pela construção de novas relações de trabalho, que promovam o desenvolvimento sustentável e a autonomia

dos trabalhadores por meio de empreendimentos econômicos solidários, com vistas a inovações tecnológicas e à inserção no mercado, preferencialmente em cadeias produtivas e fomentando a criação de federações e confederações. Esse Programa é coordenado por meio de um Grupo de Trabalho (GT) Nacional, responsável por traçar as diretrizes do Programa e dar orientações e suporte em questões teóricas e práticas às incubadoras/núcleos. O GT é composto por 6 (seis) professores de universidades agregadas à rede e estão distribuídos nas regiões: Norte, Nordeste, Centro-oeste, Sul e Sudeste, visando a um atendimento ampliado e mais próximo em cada região. As Incubadoras de empreendimentos econômicos solidários da UNITRABALHO formam uma Rede integrada ao Programa, que, além de incubar empreendimentos, também desenvolve o trabalho de incubar novas incubadoras, em razão da experiência que elas já acumularam ao longo do tempo, permitindo a transferência desta tecnologia social. Os Núcleos/Incubadoras da rede têm suas equipes locais formadas por professores, pesquisadores, técnicos e acadêmicos e organizam, com autonomia, seus trabalhos de extensão e projetos de pesquisa.

IHU On-Line - Hoje, a Economia Solidária é uma alternativa à crise do trabalho assalariado ou constitui uma nova cultura do trabalho?

Maria Nezilda Culti - Pensamos que as duas coisas. Ou seja, ela é de fato uma alternativa à crise do trabalho, isso é indiscutível. Entretanto, nossos estudos, pesquisas e acompanhamento junto aos empreendedores autogestionários já indicaram claramente que é forte o sentimento daqueles que não desejam mais voltar ao sistema de trabalho assalariado, indicando uma série de motivos, mas, principalmente, a certeza de que, nesse tipo de organização, não ficarão sem trabalho diante das flutuações do mercado visto que há flexibilidade na

forma de operar e produzir dependendo, portanto, de suas próprias decisões e planejamento. Serem donos e trabalhadores em seus próprios negócios não é fácil, mas é também, segundo eles, muito gratificante. Em alguns setores, por exemplo, no de resíduos sólidos, os associados declaram serem reconhecidos como cidadãos, coisa que não acontecia antes de organizarem coletivamente seus empreendimentos. Portanto, penso que há uma tendência muito forte de crescer o número de trabalhadores que, depois de conhecerem e viverem uma outra forma de organização do trabalho (a associativa), permanecerem nela por opção. Concordamos com a conclusão do Prof. Dr. Gaiger, na primeira pesquisa nacional organizada pela Unitrabalho e coordenada por ele, de que há um misto de “necessidades e vontades” dos trabalhadores e que o melhor caminho para entender a Economia Solidária seria “focalizar as análises na história dos trabalhadores, no seu passado de experiências, de organização, de liderança, nas suas expectativas e no seu senso prático”. Por outro lado, vemos hoje desenvolvendo-se uma política de governo de apoio, claramente favorável ao crescimento dessa economia que já não é pequena, se considerarmos quando ela começou a ter visibilidade (meados da década de 80 em diante). Temos, pelos dados parciais do SIES, um total de 18.878 empreendimentos cadastrados, que respondem por 1,574 milhão de postos de trabalho, com faturamento que ultrapassa R\$ 6 bilhões por ano.

***IHU On-Line* - Quais são as principais políticas públicas existentes para a área da Economia Solidária?**

Maria Nezilda Culti - Pensamos que estamos trilhando e construindo caminhos para a consolidação de políticas públicas. Observamos que vêm existindo nos últimos anos uma política de governo deliberada de incentivo e apoio às iniciativas de Economia Solidária pulverizada em vários ministérios do Governo Federal, por meio de

inúmeros programas e projetos. Nesse caminhar, alguns vão sendo remodelados ou reestruturados para chegar a consolidação e outros sendo abandonados. Tivemos a oportunidade de participar nesse ano, enquanto integrante do Conselho Nacional de Economia Solidária, na apreciação e discussão da Proposta do Plano Plurianual-PPA 2008-2011. Nele, foram mantidos e incluídos novos Programas e Projetos específicos para o desenvolvimento da Economia Solidária pelo Ministério do Trabalho e Emprego e muitos outros com interfaces, também mantidos e novos incorporados por vários ministérios, como o do Desenvolvimento Agrário, da Agricultura, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, das Cidades, da Ciência e Tecnologia, da Integração Nacional e o de Minas e Energia. Todos com interesse de fomentar o desenvolvimento e geração de trabalho e renda, com o objetivo de reduzir as desigualdades sociais.

***IHU On-Line* - Qual é o diálogo estabelecido entre a Economia Solidária, o movimento ecológico e os movimentos sociais?**

Maria Nezilda Culti - Penso que esse diálogo vem acontecendo naturalmente, visto que os empreendimentos de Economia Solidária buscam uma relação respeitosa com comunidade e o meio ambiente para a sua formação. Vale lembrar que um dos princípios do cooperativismo praticado por esses empreendedores é o da “preocupação com a comunidade”, que faz com que as cooperativas levem em consideração o desenvolvimento sustentável de suas comunidades, municípios, regiões, Estados e País, por meio de políticas definidas e aprovadas por seus associados. Exemplo característico dessa atuação são as inúmeras cooperativas de trabalhadores de materiais recicláveis que atuam em todo o País, entre outros ramos de produção na área rural e urbana. A proteção ao meio ambiente e o respeito à comunidade fazem parte da sua

realidade concreta, vivida, pois, em grande medida, dependem das duas coisas para a viabilidade e o crescimento de suas atividades. Os dados do SIES também já demonstraram que grande parte da

comercialização dos produtos é feita na própria comunidade ou regiões próximas. Percebem, portanto, que o sucesso de seus empreendimentos podem fomentar o desenvolvimento endógeno sustentável.

Rio Grande do Sul mapeou 450 novos empreendimentos da Economia Solidária

ENTREVISTA COM VERA REGINA SCHMITZ

A Economia Solidária, explica Vera Regina Schmitz, coordenadora da Fase III do mapeamento no Rio Grande do Sul, “significa um novo jeito de se fazer economia e uma nova cultura do trabalho”. Nesta terceira fase do mapeamento, afirma ela, o Rio Grande do Sul já mapeou 450 empreendimentos até o final do mês de maio, que foram somados aos 1.634 que já faziam parte do Banco de Dados do SIES.

Para Vera Schmitz, a universidade é um ambiente que, por meio de incubadoras, pode fomentar o crescimento da Economia Solidária. Segundo ela, desenvolver “modelos de intervenção que reconheçam a cultura local, que levem em conta a problemática do mundo do trabalho e as dimensões ecossociais”, são iniciativas fundamentais.

Vera Schmitz é especialista em cooperativismo, pela Unisinos, mestre em Ciências da Comunicação, com a dissertação Cooperativismo em tempos de globalização: análise do discurso editorial de um jornal de cooperativa, pela Unisinos, e doutoranda em Educação, pelo PPG em Educação, da Unisinos. Atualmente, Vera integra a equipe de coordenação do Instituto Humanitas Unisinos - IHU e coordena o Projeto de Tecnologias Sociais da Unisinos. Confira, a seguir, a entrevista dada por e-mail à IHU On-Line.

IHU On-Line - Quais são os limites, as possibilidades e as perspectivas da Economia Solidária hoje?

Vera Schmitz - Hoje, vê-se o crescimento e a expansão da Economia Solidária devido, principalmente, às mudanças no mundo do trabalho. Estas mudanças no

horizonte do trabalho e, ao mesmo tempo, as possibilidades de criação que esta oportuniza, permitem que o trabalhador busque cada vez mais outras alternativas para desenvolver suas aptidões para trabalho, como reação ao desemprego estrutural e à

exclusão. A produção coletiva de geração de trabalho e renda é uma destas alternativas que se expande em núcleos e redes de Economia Solidária.

IHU On-Line - Quando falamos de Economia Solidária, quais são as principais diferenças entre a teoria e a prática?

Vera Schmitz - Falar em Economia Solidária significa falar em tudo o que ela representa em termos de oportunidades, de uma cultura de solidariedade, de retomada de laços afetivos no trabalho, de autogestão, enfim, um novo jeito de se fazer economia e uma nova cultura do trabalho. Mas também significa falar dos obstáculos existentes. Os passos, desse modo, são mais lentos, as dificuldades mais presentes, identificadas como desde falta de recursos para potencializar o grupo até o entendimento e a possibilidade concreta do trabalho coletivo. No entanto, muitas experiências superam esta dicotomia e se encontram, de fato, como um empreendimento sólido e com valores e princípios identificados, de forma contínua, como inerentes à Economia Solidária.

IHU On-Line - Como pode ser caracterizado(a) o(a) trabalhador(a) envolvido(a) com a Economia Solidária?

Vera Schmitz - A maioria, principalmente o(a) trabalhador(a) urbano(a), caracteriza-se como alguém que busca na Economia Solidária uma alternativa de trabalho e renda. É um(a) trabalhador(a) disposto(a) a buscar diferentes alternativas de sobrevivência, muitas vezes esgotado(a) pela procura do trabalho assalariado. Por outro lado, também temos aquele(a) trabalhador(a) que se interessa pela forma coletiva de trabalho, que vê no modelo de organização autogestionária mais possibilidades do que o modelo apresentado pelas empresas capitalistas.

IHU On-Line - Na condição de coordenadora da Fase III do mapeamento no Rio Grande do Sul, qual é sua avaliação? Como está a Economia Solidária no estado gaúcho? Quais são os principais desafios e avanços?

Vera Schmitz - A Fase III do projeto “Mapeamento para ampliação da base de dados do Sistema de Informações em Economia Solidária - SIES”, no Rio Grande do Sul, está sendo coordenada pela Profa. Noëlle Marie Paule Lechat, da Unijuí e por mim, da Unisinos, sendo que, em relação ao campo, a Unijuí teve a responsabilidade de mapear somente a região Noroeste do Estado e a Unisinos todas as demais regiões do Rio Grande do Sul.

O interessante é que o Rio Grande do Sul tem um histórico diferenciado na realização do mapeamento, construído em parceria com instituições que trabalham com a Economia Solidária. Nesta III fase, fizemos o mesmo encaminhamento, respeitando a trajetória até então realizada com instituições que já fizeram parte das etapas anteriores. Algumas instituições que Integraram a EGE⁶/CTE-RS e foram co-executoras do Mapeamento são: Camp⁷, Caeps, Cooesperança, Escola 8 de Março⁸, Furg⁹, Guayí, Unijuí¹⁰ e Unisinos. Além destas instituições, fizeram parte a EGE/RS, a Cáritas/RS e a DRT/RS.

⁶ **Comissão Gestora Estadual (EGE):** é composta por representantes de atores interessados no mapeamento da economia solidária do Estado. A EGE é responsável pela identificação de Entidades de Apoio, Assessoria, e Fomento à Economia Solidária. (Nota da *IHU On-Line*)

⁷ **Camp:** O Camp é um Centro de Educação Popular que há 22 anos organiza trabalhadores urbanos e rurais, auxilia na qualificação das suas lutas e capacita lideranças e dirigentes. O movimento busca assegurar às classes populares o poder de governarem seu destino em um Estado democrático, com participação e controle popular. (Nota da *IHU On-Line*)

⁸ **Escola 8 de março:** fundada em 1993, em Novo Hamburgo-RS, atua com cursos técnicos sobre calçados e cursos políticos sobre economia solidária. (Nota da *IHU On-Line*)

⁹ **FURG:** Fundação Universidade Federal do Rio Grande, universidade com sede em Rio Grande-RS, voltada para o ecossistema costeiro. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁰ **UNIJUÍ:** Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. A UNIJUÍ tem uma Incubadora de Economia

Nesta etapa, o Rio Grande do Sul ficou de mapear, no mínimo, 450 empreendimentos, a serem somados aos 1.634 que já fazem parte do Banco de Dados do SIES, meta esta já cumprida no final do último mês de maio.

O mapeamento, até então, nos mostrou os números da Economia Solidária. Os avanços são as possibilidades de análises que este sistema nos oferece, localizando os gargalos e necessidades da Economia Solidária, de pensar e desenvolver cadeias produtivas, que podem alavancar os empreendimentos. Estes avanços são possíveis de serem feitos. Análises semelhantes foram apresentadas no Seminário Estadual Projeto de Mapeamento para Ampliação da Base de Dados do SIES no Rio Grande do Sul, realizado em Santa Maria/RS, durante a 3ª Feira de Economia Solidária do Mercosul. Num painel denominado “Mapeamento da Economia Solidária do Brasil e no Rio Grande do Sul: cadeias produtivas e desenvolvimento local”, o Sr. Roberto Marinho¹¹, do SENAES, e o Prof. Luiz Inácio Gaiger¹², da Unisinos, apresentaram uma

Solidária, que está operacionalizando o mapeamento de Empreendimentos Econômicos Solidários nas regiões Alto Jacuí, Noroeste Colonial, Fronteira Noroeste a Missões. (Nota da *IHU On-Line*)

¹¹ **Roberto Marinho Alves da Silva:** Atualmente, ele é requisitado do Ministério do Trabalho e Emprego, onde exerce o cargo de Coordenador-Geral de Estudos da Secretaria Nacional de Economia Solidária. Roberto Marinho é graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, mestre em Ciência Política pela Universidade Federal de Pernambuco e doutor em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília. (Nota da *IHU On-Line*)

¹² **Luiz Inácio Gaiger:** professor da Unisinos e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, mestrado e doutorado. Gaiger é graduado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mestre em Sociologia da Religião, pela Université Catholique de Louvain, e doutor em Sociologia da Religião e dos Movimentos Sociais, pela Université Catholique de Louvain. Ver entrevista com ele nesta edição. (Nota da *IHU On-Line*)

interpretação dos dados, apontando gargalos e possibilidades de cadeias produtivas, de trabalho em rede, na perspectiva do desenvolvimento territorial. Sem contar o quanto que estes dados contribuem com subsídios para incrementar e/ou repensar as políticas públicas.

***IHU On-Line* - Quais são as principais novidades que apareceram na Feira de Santa Maria?**

Vera Schmitz - A Feira de Santa Maria é uma referência nacional para a Economia Solidária. A dimensão que está tomando, como espaço de encontro, conversas, discussões, mostra que está cada vez mais adquirindo volume e importância.

Talvez o que se precise trabalhar mais é a presença dos empreendimentos, que são os protagonistas, nas discussões sobre e da Economia Solidária, ultrapassando a idéia de feirantes. Isto não quer dizer que não haja, na feira, a sintonia, a identidade e o caráter de inclusão e de luta por uma mesma causa, facilmente percebidos e encontrados nos espaços de sua realização.

***IHU On-Line* - As universidades no Rio Grande do Sul têm condições de contribuir para o desenvolvimento da Economia solidária? Em que sentido? Qual é o papel da academia para a solidificação e implantação da Economia Solidária nas comunidades?**

Vera Schmitz - As Universidades devem dialogar com a prática da Economia Solidária, pois são destes espaços que nascem muitos elementos teóricos. A academia, principalmente por meio das incubadoras, pode ter o papel de fomentar o crescimento da Economia Solidária, desenvolvendo modelos de intervenção que reconheçam a cultura local, que levem em conta a problemática do mundo do trabalho e as dimensões ecossociais. A perspectiva é de retroalimentação.

É um campo grande de pesquisa, de pensar, dialogicamente, em tecnologias sociais apropriadas;

espaço de aprendizagem para alunos de diferentes áreas do conhecimento; e, sem dúvida, uma forma de inserção das Universidades na comunidade, na perspectiva de uma contribuição mais ampla para o desenvolvimento local, uma aproximação maior do que se pode identificar como o conhecido “tripé” “ensino, pesquisa e extensão”.

IHU On-Line - Como você vê, pessoalmente, o trabalho com a Economia Solidária, considerando sua história familiar de cooperativismo? O que esse tipo de experiência mais ensina?

Vera Schmitz - Acho o trabalho com a Economia Solidária desafiador. Falar em cooperativismo, ou melhor, em Cooperativas, nunca foi estranho para mim, pois fui criada em espaços que sempre se conversou muito sobre o tema, tanto no que tem de bom como também de suas dificuldades.

Se é possível estabelecer uma aproximação, entre o ontem e o hoje, as semelhanças estão lá na origem, quando aqueles colonos se uniram e resolveram fundar

uma cooperativa, para superarem, juntos, as dificuldades da época. Hoje, vejo muitos dos empreendimentos que conheço nesta mesma caminhada. Se existe semelhança, há também diferenças, já que hoje alguns empreendimentos se transformaram em grandes cooperativas, ligadas ao *agrobusiness*. Atualmente, continuo “conversando” sobre o tema. Enquanto eu projeto Tecnologias Sociais para Empreendimentos Solidários, acompanho alguns grupos, que nascem das dificuldades, da vulnerabilidade social, da falta de perspectivas de muitas das pessoas envolvidas.

Talvez esta experiência ensine a compreender melhor o mundo e as pessoas; a ver melhor o jogo de interesses; e a perceber o quanto as perspectivas políticas estão ali inseridas. Mas, acima de tudo, vêem o quanto temos de possibilidades e alternativas para superação dos problemas que se apresentam, principalmente quando você olha para os protagonistas desta outra forma de se fazer economia.

Teologia Pública

Simplemente cristão

POR LUIZ ALBERTO GÓMEZ DE SOUSA

Reproduzimos o artigo “Simplemente cristão” de Luiz Alberto Gómez de Souza, publicado originalmente nas Notícias do Dia, 18-07-2007, do sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, www.unisinos.br/ihu. Luiz Alberto Gómez de Souza, sociólogo, foi diretor do Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais, ligado à CNBB. Atuou também na FAO e foi professor da PUC-Rio. Atualmente trabalha na Universidade Cândido Mendes. Ele é autor de inúmeros livros. Aqui citamos a sua tese doutoral publicada sob o título JUC: os estudantes católicos e a política (Petrópolis: Vozes, 1984).

Eis o artigo.

Os últimos documentos de Bento XVI e da Congregação da Doutrina¹³ aumentaram a tristeza que expressei em texto anterior¹⁴ e tive dificuldade, por uns dias, de escrever a respeito. Não por receio, mas para deixar passar um momento de indignação que não colaborava na lucidez. Houve recentemente um encontro ecumênico de

¹³ Documento da Congregação para a Doutrina da Fé: documento divulgado em 09-07-2007 por Bento XVI, que afirma que a Igreja Católica é a única igreja de Cristo. Sobre o assunto, confira nas *Notícias do Dia* 12-07-2007, do site, www.unisinos.br/ihu, quando em entrevistas exclusivas à IHU On-Line, José Comblin, Walter Altmann e Faustino Teixeira analisam o impacto do documento. Confira, também, a entrevista com Luís Carlos Susin, em 10-07-2007, *Notícias do Dia* do site www.unisinos.br/ihu, na qual o teólogo afirma “A *Domini Iesus* é o texto básico que explica todo o processo do atual pontificado, pelo qual também já houve uma porção de crises de interpretação”. Em 13-07-2007, as *Notícias do Dia* do www.unisinos.br/ihu publicaram a entrevista *A Igreja católica está voltada para si mesma, com o teólogo luterano Roberto Zwetsch, também repercutindo o Motu proprio Summorum Pontificum*. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁴ Aqui o autor refere-se ao artigo *Um véu de integridade e fundamentalismo ameaça o mundo pluralista de hoje*, publicado pelo site do IHU, www.unisinos.br/ihu, *Notícias do Dia* 18-05-2007. (Nota da *IHU On-Line*)

teólogos¹⁵ em Belo Horizonte. Não sei ainda o que foi dito ali, especialmente pelos católicos. Há uma auto-censura em muitos, até certo ponto justificável, onde cumprem papel fundamental, por receio de perderem licença para ensinar em universidades católicas. A culpa é basicamente da estrutura eclesial autoritária. No tempo da ditadura muitos se calaram para poder ficar no país, mas graças a isso puderam, no underground, trabalhar pela abertura. Então compete a nós, leigos livres, falar claramente, “oportuna e inoportunamente”, como pediu Paulo.

O cardeal Newman¹⁶ escreveu que, no século IV, tempo em que o arianismo ganhava terreno, a maioria dos bispos era dessa tendência e o próprio Papa Libério estava na corda bamba. A Igreja foi salva pelo “consenso

¹⁵ Congresso Anual da Soter - Sociedade de Teologia e Ciências da Religião: evento que ocorreu em julho de 2007, em Belo Horizonte, Minas Gerais. Confira entrevista especial realizada pela IHU On-Line com a Prof.ª Dr.ª Maria Carmelita de Freitas, teóloga, presidente da Soter e coordenadora da pós-graduação em Teologia da FAJE - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁶ John Henry Newman (1801-1890): cardeal inglês. (Nota da *IHU On-Line*)

dos fiéis”. O Padre Congar¹⁷, citando o texto, acrescentou: “e pela ação dos teólogos”. Hoje nos perguntamos: quais os que irão se manifestando hoje? Alguns, é claro. Leonardo Boff¹⁸ respondeu contundente: “Quem subverte o concílio: L. Boff ou o cardeal J. Ratzinger? Meu querido irmão Marcelo Barros, depois da Dominus Jesus, enviou carta a seu irmão João Paulo (irmão sim, “servo dos servos”, não tanto supremo pontífice, título de origem pagã) e foi fortemente criticado pela presidência da CNBB. Teremos entre nós, em pouco tempo, Hans Küng¹⁹. Vejamos o que terá a dizer.

¹⁷ Yves Marie-Joseph Congar (1904:1995): teólogo dominicano francês, conhecido por sua participação no Concílio Vaticano II. Foi duramente perseguido pelo Vaticano, antes do Concílio, por seu trabalho teológico. A isso se refere o seu confrade Tillard quando fala dos “exílios”. Sobre Congar, a *IHU On-Line* publicou um artigo escrito por Rosino Gibellini, originalmente no site da Editora Queriniana, na editoria Memória da edição 150, de 8-08-2005, lembrando os dez anos de sua morte, completados em 22-06-1995. Também dedicamos a editoria Memória da 102ª edição da *IHU On-Line*, de 24-05-2004, à comemoração do centenário de nascimento de Congar. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁸ Leonardo Boff (1938-): Teólogo brasileiro. Foi um dos criadores da Teologia da Libertação e, em 1984, em razão de suas teses a ela ligadas e apresentadas no livro *Igreja: carisma e poder - ensaios de eclesiologia militante* (3. ed. Petrópolis: Vozes, 1982), foi submetido a um processo pela ex-Inquisição em Roma, na pessoa do cardeal Joseph Ratzinger, hoje Papa Bento XVI. Em 1985, foi condenado a um ano de “silêncio obsequioso” e deposto de todas as suas funções. Dada a pressão mundial sobre o Vaticano, retornou a elas em 1986. Em 1992, sendo outra vez pressionado com novo “silêncio obsequioso” pelas autoridades de Roma, renunciou às suas atividades de padre. Continuou como teólogo da libertação, escritor e assessor das comunidades eclesiais de base e de movimentos sociais. Desde 1993, é professor de Ética, Filosofia da Religião e Ecologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É autor de mais de 60 livros nas áreas de teologia, espiritualidade, filosofia, antropologia e mística. Confira a entrevista exclusiva que Boff concedeu à *IHU On-Line* 214, de 02-04-2007, intitulada “Roma está perdendo a batalha contra a Teologia da Libertação”. (Nota da *IHU On-Line*)

¹⁹ Hans Küng (1928): teólogo suíço, padre católico desde 1954. Foi professor na Universidade de Tübingen, onde também dirigiu o Instituto de Pesquisa Ecumênica. Foi consultor teológico do Concílio Vaticano II.

Faz alguns anos, o grande e saudoso teólogo uruguaio Juan Luis Segundo²⁰, escreveu fortíssima “resposta ao cardeal Ratzinger”. Desocultou o caráter ideológico de uma teologia norte-européia. E no fim disse: “Nessa luta mortal, conduzida com uma grande dose de ressentimento ou, talvez melhor, por uma teologia dependente de uma política sem esperança, nós os latino-americanos não conseguimos reconhecer nossa realidade, nem mesmo a realidade européia que sustenta ... o documento (primeira Instrução Ratzinger sobre a teologia da libertação).

Tenho certeza de que, em voz baixa, muitos bispos e teólogos discordam dos últimos textos sobre o latim e a exclusividade da Igreja romana. O bispo francês Jacques Gaillot²¹, que perdeu sua diocese de Evreux e criou a

Destacou-se por ter questionado as doutrinas tradicionais e a infabilidade do Papa. O Vaticano proibiu-o de atuar como teólogo em 1979. Nessa época, foi nomeado para a cadeira de Teologia Ecumênica. Atualmente, mantém boas relações com a Igreja e é presidente da Fundação de Ética Global em Tübingen. Dedicou-se ao estudo das grandes religiões, sendo autor de obras, como *A Igreja Católica*, publicada pela editora Objetiva, e *Religiões do mundo: em busca dos pontos comuns*, pela editora Verus. Para conhecer sua trajetória cfr. Hans KÜNG. *Libertad conquistada. Memórias* (Madrid: Trotta, 2004). De 21 a 26 de outubro de 2007 acontece o Ciclo de Conferências com Hans Küng - Ciência e fé - por uma ética mundial, com a presença de Hans Küng, a ser realizado no campus da Unisinos e da UFPR, bem como no Goethe-Institut Porto Alegre, na Universidade Católica de Brasília, na Universidade Cândido Mendes do Rio de Janeiro e na Universidade Federal de Juiz de Fora - UFMG. Um dos objetivos do evento é difundir no Brasil a proposta e atuais resultados do “Projeto de ética mundial”. No dia 22 de outubro, às 20h, acontece a 1ª Grande Conferência, intitulada “As religiões e a ética mundial”. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁰ Juan Luis Segundo (1925-1996): uruguaio e jesuíta, um dos mais importantes teólogos da libertação. É autor de uma vasta obra. Citamos, entre os seus livros, *Teologia aberta para o leigo adulto* (São Paulo: Loyola, 1977-1978), em cinco volumes (*Essa comunidade chamada igreja; Graça e condição humana; A nossa idéia de Deus; Os sacramentos hoje; e Evolução e culpa*). (Nota da *IHU On-Line*)

²¹ Jacques Gaillot: nomeado Bispo de Évreux, na França, em 1982, e demitido da sua diocese pelo Vaticano, em 1995. Neste ano, criou a Partenia - Diocese sem fronteiras, hospedada no site www.partenia.org. Interveniente ativo nos grandes debates da

diocese virtual de Partênia, escreveu um livro com o título: “O mundo grita, a Igreja sussurra”.

Não cabe agora ficar apenas na exegese dos textos, para salvar esta ou aquela expressão, tentando minorar os estragos. Quero unir-me ao clima de mal-estar e de escândalo de outras Igrejas (Igrejas sim). Os caminhos ecumênicos foram sabotados e com eles também os do diálogo inter-religioso. O Papa disse no Brasil que só possui a verdade plena quem crê em Deus e em Jesus Cristo. E agora completa: a Igreja católica tem propriedade privada da verdade. Estamos nos aproximando perigosamente de uma antiga expressão hoje descartada: “fora da Igreja católica não há salvação”. Como Leonardo Boff provou, vamos regredindo para antes do Vaticano II e do clima que o bom Papa João criou ao convocar um concílio que, em sua intenção original, tinha por missão procurar a unidade cristã.

Quem se afastou da Igreja, depois do Vaticano II, foram os tradicionalistas conservadores. Mas para com eles este Papa demonstrou enorme misericórdia. Esta palavra tem no final o significado de coração. Talvez para eles penda o coração de Ratzinger. Faltou misericórdia diante de Jon Sobrino²², com uma

sociedade, Gaillot tornou-se, na França, uma figura conhecida pelas suas tomadas de posição freqüentes na televisão, no rádio e na imprensa escrita, em favor dos objetores de consciência, dos palestinos, dos emigrantes e das minorias perseguidas. (Nota da *IHU On-Line*)

²² **Jon Sobrino**: filósofo espanhol, jesuíta, que em 27-12-1938 entrou para a Companhia de Jesus e em 1956 e foi ordenado sacerdote em 1969. Desde 1957, pertence à Província da América Central, residindo habitualmente na cidade de San Salvador, em El Salvador, país da América Central, que ele adotou como sua pátria. Licenciado em Filosofia e Letras pela Universidade de St. Louis (Estados Unidos), em 1963, Jon Sobrino obteve o master em Engenharia na mesma Universidade. Sua formação teológica ocorreu no contexto do espírito do Concílio Vaticano II, a realização e aplicação do Vaticano II e da II Conferência Geral do Conselho Episcopal Latino-Americano, em Medellín, em 1968. Doutorou-se em Teologia em 1975, na Hochschule Sankt Georgen de Frankfurt (Alemanha) com a tese “Significado de la cruz y resurrección de Jesús en las cristologias sistemáticas de W.Pannenberg y J. Moltmann”. É doutor honoris causa pela Universidade de Lovain, na Bélgica (1989), e pela Universidade de Santa Clara, na Califórnia (1989). Atualmente, divide seu tempo entre as atividades de professor de Teologia da Universidade Centroamericana,

cristologia tão legítima como a do teólogo Ratzinger, que até escreveu um livro a respeito, “não como papa, mas como teólogo”. Que longe estamos do coração de João XXIII²³!

O cardeal Newman, depois do Vaticano I, disse em carta: “Pio (Pio IX, que poderia ser hoje Bento, ou João Paulo) não é o último dos papas. Um outro papa e outro concílio polirão a obra”. E falou, em outro texto célebre, do desenvolvimento da doutrina na história, hoje congelada com relação aos temas do ministério ordenado (para mulheres e pessoas casadas), da sexualidade e da reprodução, do celibato optativo, etc. Aliás, o cardeal Ratzinger, há um tempo atrás, expressou em artigo sua admiração por Newman.

Tivemos, no começo do século XX, um papa simples e de inteligência limitada, Pio X, que até virou santo, que sob a orientação do cardeal espanhol Merry del Val, fechou a Igreja à modernidade. E surgiu uma sociedade secreta integrista, Sodalitium Pianum, com tendência inquisitorial. Depois dele veio Bento XV²⁴, que desbloqueou o tema, dissolveu a sociedade e desterrou seu chefe, Benigni. Aliás, o cardeal Dalla Chiesa,

de responsável pelo Centro de Pastoral Dom Oscar Romero, de diretor da Revista Latinoamericana de Teologia e do Informativo “Cartas a las Iglesias”, além de ser membro do comitê editorial da Revista Internacional de Teologia Concilium. A respeito de Sobrino, confira a ampla repercussão dada pelo site do IHU em suas *Notícias do Dia*, bem como o artigo *A hermenêutica da ressurreição em Jon Sobrino*, publicada na editoria Teologia Pública, escrita pela teóloga uruguaia Ana Formoso na edição 213 da *IHU On-Line*, de 28-03-2007. (Nota da *IHU On-Line*)

²³ **Papa João XXIII** (1881-1963): nascido Angelo Giuseppe Roncalli. nasceu na Itália. Foi Papa de 28-10-1958 até a data da sua morte. Considerado um papa de transição, depois do longo pontificado de Pio XII, convocou o Concílio Vaticano II. Conhecido como o “Papa Bom”, João XXIII foi declarado beato por João Paulo II em 2000. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁴ **Bento XV** (1854-1922): nascido *Giacomo della Chiesa*, foi Papa desde 3 de setembro de 1914 até o dia de sua morte. Doutorou-se em Direito em 1875, foi ordenado sacerdote e ingressou no serviço diplomático do Vaticano. Promulgou o *Codex Iuris Canonici* (Código do Direito Canônico) em 1917. Após o armistício de 1918, Bento XV dedicou-se à reforma administrativa da Igreja, com o intuito de adaptar ao novo sistema internacional emergente. (Nota da *IHU On-Line*)

naquele momento o novo papa, descobriu que, pouco antes, fora denunciado também como modernista. João Paulo II novamente enrijeceu na teologia. Só que seu conselheiro e orientador, no começo do século seguinte, ao contrário do caso anterior, tornou-se seu sucessor, com o nome de Bento XVI, na contra mão do outro Bento. Antes Leão XIII²⁵ tinha deixado de lado, em boa parte, o Syllabus anti-moderno de Pio IX²⁶. E João XXIII, falando de uma “inesperada primavera” (1960), liberou os melhores teólogos de seu tempo, calados pela *Humani Generis* de Pio XII (1950). Agora que estamos num novo inverno, o que virá pela frente? Precisamos viver sempre nesta gangorra inquietante e corrosiva?

Como membro do “povo de Deus” (Vaticano II) quero ajudar, de meu canto, a preparar o concílio Jerusalém II com que sonhou D. Hélder Câmara²⁷. Jerusalém I quebrou o gueto da

²⁵ Leão XIII (1810-1903): nascido *Vincenzo Gioacchino Raffaele Luigi Pecci*. Foi Papa de 20 de fevereiro de 1878 até a data da sua morte. Notabilizou-se primeiramente como popular e bem sucedido Arcebispo de Perugia, o que conduziu a sua nomeação como Cardeal em 1853. Ficou famoso como o “papa das encíclicas”. A mais conhecida de todas, a *Rerum Novarum*, de 1891, sobre os direitos e deveres do capital e trabalho, introduziu a ideia da subsidiariedade no pensamento social católico. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁶ Beato Pio IX (1792-1878): nascido Giovanni Maria Mastai-Ferretti, foi Papa durante mais de 31 anos, entre 16 de Junho de 1846 e a data do seu falecimento. Era Frade Dominicano. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁷ Dom Hélder Câmara (1909-1999): Arcebispo lembrado na história da Igreja Católica no Brasil e no mundo, como um grande defensor da paz e da justiça. Foi ordenado sacerdote aos 22 anos de idade, em 1931. Aos 55 anos, foi nomeado arcebispo de Olinda e Recife. Assumiu a Arquidiocese em 12 de março de 1964, permanecendo neste cargo durante 20 anos. Na época em que tomou posse como arcebispo em Pernambuco, o Brasil encontrava-se em pleno domínio da ditadura militar. Momento político este, que o tornou um líder contra o autoritarismo e os abusos aos direitos humanos, praticados pelos militares. Paralelamente às atividades religiosas, criou projetos e organizações pastorais, destinadas a atender às comunidades do Nordeste, que viviam em situação de miséria. Dedicamos a editoria Memória da *IHU On-Line* número 125, de 29 de novembro de 2005, a Dom Hélder Câmara, publicando o artigo *Hélder Câmara: cartas do Concílio*. Na edição 157, de 26 de setembro de 2005, publicamos a entrevista *O Concílio, Dom Helder e a Igreja no Brasil*, realizada com Ernanne Pinheiro. Confira, ainda, a editoria Filme da Semana da edição

Igreja dos circuncisos, pela força de Paulo e, depois de uma hesitação, de Pedro, contra Tiago, “irmão” de Jesus (ler Atos dos Apóstolos, cap. 15). Agora, pretende-se construir um novo gueto romano. No meu caso, sigo dentro da Igreja Católica Romana, para mim, tradicional e historicamente a mais plena, com amor e impaciência filial, mas me recuso a falar em voz baixa. Em muitos automóveis se lê: “Tenho orgulho de ser católico”. Chega de arrogância e triunfalismo, no momento em que a Igreja romana, nos Estados Unidos, se dessangra financeiramente, pela pedofilia de numerosos sacerdotes. O celibato obrigatório produziu em muitos uma sexualidade doentia e criminosa.

Se me perguntarem o que sou, responderei: “sou Cristão, membro de uma das várias denominações cristãs, que deveriam e deverão buscar a unidade”. Dom Mauro Morelli se declarou bispo cristão de confissão católico-romana. A Igreja una e santa é a Igreja Cristã; esta igreja, hoje em estilhaços, é também pecadora, “santa et meretrix”, como diziam os Padres dos primeiros séculos. Quero dar este testemunho aos irmãos imprecisamente chamados de separados e dizer, de dentro de minha Igreja, que esta deveria estar “semper reformanda”, não importando quem foi o autor da expressão.

O filme *Coeurs*²⁸ (há que ter corações com misericórdia), foi traduzido assim: “Medos privados em lugares públicos”. Afastemos esses medos miúdos (la petite peur de Mounier²⁹), para dizer no recinto público de minha Igreja: como cristão, não posso deixar cair a luta pelo ecumenismo e pelo diálogo inter-religioso.

227 da *IHU On-Line*, 09-06-2007, que comenta o documentário *Dom Hélder Câmara - O santo rebelde*. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁸ *Coeurs*: Excelente filme de Alain Resnais, que ainda não foi exibido nas salas de Porto Alegre, mas que foi visto pelo IHU em São Paulo e que será comentado quando um dia for projetado no Rio Grande do Sul. (Nota da *IHU On-Line*)

²⁹ Emmanuel Mounier (1905-1950): filósofo francês, fundador da revista *Esprit*. Suas obras influenciaram a ideologia da democracia cristã. A edição 155 de 12-09-2005 tem como tema de capa *Emmanuel Mounier: por uma revolução personalista e comunitária*. (Nota da *IHU On-Line*)

Filmes da Semana

NESTA SEMANA APRESENTAMOS DOIS FILMES: *BOBBY* DE EMILIO ESTEVEZ, E *SANEAMENTO BÁSICO - O FILME*, DE JORGE FURTADO.

Bobby

Ficha Técnica

Nome original: *Bobby*

Cor filmagem: Colorida

Origem: EUA

Ano produção: 2006

Gênero: Drama

Duração: 120 min

Diretor e roteirista: Emilio Estevez

Atores: Anthony Hopkins, Harry Belafonte, Freddy Rodriguez, Laurence Fishburne, Christian Slater, Sharon Stone, Demi Moore, Lindsay Lohan, Elijah Wood, William H. Macy e Martin Sheen (pai de Emilio Estevez).

Sinopse: 5 de junho de 1968. O senador Bob Kennedy prepara-se para ser o candidato democrata às eleições presidenciais. Mas, na festa que se prepara no Hotel Ambassador, em Los Angeles, um assassino vai mudar todo o futuro. A história é contada por 22 pessoas que estavam nesse hotel naquele dia.

A dimensão mítica de Bobby Kennedy

“Até hoje, o fato de termos reunido este imenso elenco é um mistério e um milagre: Sharon Stone, William H. Macy, Lindsay Lohan, Ashton Kutcher, Laurence Fishburne, Heather Graham, Shia LaBeouf, Joy Bryant, Harry Belafonte, Freddy Rodriguez, Elijah Wood, Christian Slater e meu pai, Martin Sheen”, escreve Emilio Estevez em artigo publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, 27-07-2007.

Segundo ele, “a produção de *Bobby* acabou se transformando numa campanha. Elenco e equipe técnica cobraram cachês abaixo do padrão - e houve até quem trabalhasse de graça. Todos queriam fazer parte de um projeto que parecia ser algo maior do que um filme. Serei eternamente grato pela contribuição que deram. E agora aqui estou, filme terminado. Talvez Bobby Kennedy e a mensagem que ele transmitiu sejam tão importantes hoje quanto foram há 35 anos. Meu filme é uma homenagem a

essa mensagem. Bobby emocionou, inspirou e estimulou uma geração de americanos a ser pessoas melhores, a fazer coisas melhores. Espero que o filme incentive uma redescoberta da nossa humanidade e que tomemos a decisão de ser pessoas melhores”.

Bobby, o longa de estréia atrás das câmeras do ator Emilio Estevez (*Tocaia*), não é um documentário, embora se nutra de clipes verdadeiros e termine como tal. Alimenta-se do real em busca de uma reconstituição ficcional dos bastidores do último dia de vida de Robert F. Kennedy (1925-1968), o braço direito de JFK que, como o irmão, morreu assassinado em plena cena pública. Jack foi morto em 1963 na Presidência; Bobby, em 1968, quando lutava, com boas chances, para ser o candidato democrata à Casa Branca.

Tudo se passa no histórico (e recentemente destruído)

Ambassador Hotel de Los Angeles, naquele fatídico 5 de junho de 1968, quando após um discurso de campanha Bobby foi morto a tiros na cozinha por Sirhan Sirhan. Um mosaico com cerca de 20 personagens fictícios, interpretados por uma raríssima constelação de estrelas, busca recuperar o espírito daquele tempo.

Bobby Kennedy aparece apenas em cenas de época e, de costas, em reconstituições. Estevez foi criticado por não se deter sobre as complexidades do personagem, “a dicotomia do bom Bobby/mau Bobby” radiografada por seu mais recente e definitivo biógrafo, Evan Thomas.

Amir Labaki, diretor-fundador do *É Tudo Verdade* - Festival Internacional de Documentários, em artigo publicado no jornal *Valor*, 27-07-2007, pergunta:

Qual é o verdadeiro Robert Francis Kennedy? O colaborador de juventude do hidrófobo Joseph McCarthy ou o cruzado pelos direitos civis e pela igualdade racial? O buldogue de JFK, obcecado com Fidel, ou o pacifista que foi decisivo para levar a bom termo a crise dos mísseis de 1962 e flertava com a retirada das tropas do Vietnã?

Bobby foi todos eles, mas Estevez não se propõe a examinar sua completa figura histórica. *Bobby*, o filme, resgata a dimensão mítica de Bobby Kennedy, a última grande chama de esperança de uma liderança progressista nos EUA dos anos 60, depois dos assassinatos de seu irmão e de Martin Luther King. É este o Bobby de Estevez, aquele que ele vislumbrou pessoalmente quando criança e a tragédia congelou como outro príncipe da verdadeira família real americana representada pelo clã Kennedy.

Assim, o que *Bobby* nos está dizendo é que os EUA destituídos de um horizonte utópico progressista, que uma América embrenhada em agressividade, paranóia e reacionarismo, são uma traição a si mesmos, uma tortura a seus cidadãos e um pesadelo para o mundo. *Bobby* fala da antevéspera do primeiro período Nixon, com mais Vietnã,

mais repressão civil e mais arrogância presidencial, assim como deste penúltimo capítulo da era Bush, com mais Iraque, mais truculência e ainda maior arrogância na Casa Branca.

Bobby mostra ainda como esses grandes quadros da História estão, sim, intrinsecamente articulados com nossos pequenos dramas individuais. Qual filme de Hollywood nos trouxe algo parecido neste ou nos últimos anos?

Amir Labaki confidencia: “há tempos um filme americano não me emocionava tanto quanto *Bobby*”. Por sua vez, Martin Sheen testemunha: “Para mim, o filme diz claramente: ‘Veja o que nós tivemos um dia, liderança, visionários! Esqueçam os políticos, busquem por lideranças’. Não sei se a Casa Branca entendeu o recado - continua - mas o povo americano está acordando, mandou um recado para eles nas últimas eleições para o Senado (que deram maioria aos democratas na casa). O povo está farto de mentiras, de abusos. A invasão do Iraque foi baseado no ego. Bush queria entregar a cabeça de Saddam ao pai”.

Bobby não é um documentário sobre o assassinato de Robert Francis Kennedy. É um filme sobre as expectativas dos liberais dos anos 60, depositadas em Bobby Kennedy, e obviamente frustradas por sua morte. Mas para Luiz Zanin Oricchio, em artigo publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, 27-07-2007, “Bobby é mais ainda do que isso. Realizado nos Estados Unidos da era Bush, pode também ser visto como manifesto desolado com o presente e nostálgico em relação a uma América que poderia ter sido e não foi. Estevez se refere às grandes perdas dos Estados Unidos nos anos 1960 - Martin Luther King, John e Robert Kennedy, os três assassinados. De certa forma, eles podem ser vistos como os mortos insepultos de sonhos (ou ilusões) jamais realizados e hoje arquivados - o de uma América mais tolerante e justa no plano interno; menos intervencionista e belicosa, no externo”.

Saneamento básico – O filme, de Jorge Furtado

Ficha Técnica

Gênero: Comédia

Tempo de duração: 112 minutos

Ano de lançamento (Brasil): 2007

Direção: Jorge Furtado

Elenco: Fernanda Torres, Wagner Moura, Camila Pitanga, Bruno Garcia, Lázaro Ramos, Janaína Kremer, Tônico Pereira, Paulo José e grande elenco.

Sinopse: Os moradores de Linha Cristal, uma pequena vila de descendentes de colonos italianos localizada na serra gaúcha, reúnem-se para tomar providências a respeito da construção de uma fossa para o tratamento do esgoto. Eles elegem uma comissão, que é responsável por fazer o pedido junto à sub-prefeitura. A secretária da prefeitura reconhece a necessidade da obra, mas informa que não terá verba para realizá-la até o final do ano. Entretanto, a prefeitura dispõe de quase R\$ 10 mil para a produção de um vídeo. Este dinheiro foi dado pelo governo federal e, se não for usado, será devolvido em breve. Surge, então, a idéia de usar a quantia para realizar a obra e rodar um vídeo sobre a própria obra, que teria o apoio da prefeitura. Porém, a retirada da quantia depende da apresentação de um roteiro e de um projeto do vídeo, além de haver a exigência que ele seja de ficção. Desta forma, os moradores se reúnem para elaborar um filme, que seria estrelado por um monstro que vive nas obras de construção de uma fossa.

Inteligência diluída em linguagem de baixo impacto

A seguir reproduzimos crítica publicada pelo O Estado de São Paulo, em 20-07-2007. O texto é de Luiz Zanin Oricchio. Para ele, este é um “filme inteligente, porém de baixo impacto pelas limitações auto-impostas de repertório cinematográfico”.

Saneamento básico, se for preciso defini-lo, ajusta-se a uma comédia romântica e satírica, gênero bastante testado na televisão. O pressuposto é que a proximidade a uma linguagem com a qual o grande público está habituado (para não falar no elenco familiar em novelas e programas) irá atraí-lo para o cinema. A testar.

Essa equação mercadológica determina a linguagem do filme. A ordem é não introduzir elementos perturbadores da comunicação, tais como movimentos de câmera inusitados, descontinuidade no texto narrativo, saltos de montagem, complexidade dos personagens etc. Mesmo o

recurso metalingüístico é usado com parcimônia, em registro já aceito pelo gosto médio brasileiro.

Por outro lado, *Saneamento básico* é exemplo acabado do “pragmatismo” detectado pelo crítico Ismail Xavier em determinadas produções. Ele as associa ao pragmatismo do próprio governo Lula, o “fazer o que for possível”, expurgando a intervenção no real de qualquer dimensão utópica. Assim, em *Saneamento* temos, ao mesmo tempo, a denúncia da estrutura comprometida de financiamento ao cinema, e a aceitação, com êxito, dessas mesmas regras do jogo. Não cabe aos jogadores contestar regras e sim atuar dentro do campo que lhes é

proposto. Se para conseguir o que seria de direito (condições sanitárias mínimas) for preciso trapacear com leis de incentivo, tudo bem e vamos em frente.

Também é preciso dizer que existe aí uma sutileza, que procura desmontar o eterno dilema: como se justifica o dinheiro público aplicado em cultura em um país como o Brasil? Sabemos a resposta. O País, se quiser crescer mesmo, tem de investir tanto na construção de moradias

populares como no incentivo à leitura e à feitura de filmes. Nessa visão estratégica, o feijão é tão imprescindível quanto o sonho. Essa é uma discussão que se precisa levar e, de preferência, sem preconceitos. Ela está nas entrelinhas deste filme inteligente, porém de baixo impacto pelas limitações auto-impostas de repertório cinematográfico.

Destaques On-Line

DESTAQUES DAS NOTÍCIAS DO DIA DO SÍTIO DO IHU

Essa editoria veicula notícias e entrevistas que foram destaques nas Notícias do Dia do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

ENTREVISTAS ESPECIAIS FEITAS PELA IHU ON-LINE DISPONÍVEIS NAS NOTÍCIAS DO DIA DO SÍTIO DO IHU (WWW.UNISINOS.BR/IHU) DE 23-07-2007 A 29-07-2007

A ousadia de um Sindicato

Assis Melo

Confira nas *Notícias do Dia* 23-7-2007

O setor metal-mecânico da região de Caxias do Sul iniciou, no mês passado, uma campanha em que a principal reivindicação é a redução da jornada de trabalho sem redução salarial, com um reajuste de 12%. Para discutir o assunto, a *IHU On-Line* entrevistou Assis Melo, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Caxias do Sul.

As oligarquias controlam a democracia na América Latina. Esta é a questão central

José Comblin

Confira nas *Notícias do Dia* 24-7-2007

Os rumos da economia e política da América Latina é o tema da entrevista com José Comblin.

Negócios florestais: uma opinião polêmica

Leonel de Freitas Menezes

Confira nas *Notícias do Dia* 25-7-2007

O crescimento das áreas de cultivo de espécies exóticas no Rio Grande do Sul, principalmente a monocultura de eucalipto, tem sido tema de um intenso debate que envolve ambientalistas, empresas e profissionais da área florestal. O engenheiro florestal Leonel de Freitas Menezes discute as questões referentes ao plantio de novas florestas no Estado.

A velha e a nova bioeconomia

Geraldo Sant'Ana Camargo Barros

Confira nas *Notícias do Dia* 26-7-2007

Geraldo Sant'Ana Camargo fala sobre a atuação da nova bioeconomia nos países em desenvolvimento e subdesenvolvidos e o papel do agronegócio e dos pequenos produtores dentro dessa nova bioeconomia.

A quase-arte de Mallarmé

André Dick

Confira nas *Notícias do Dia* 27-7-2007

O poeta e ensaísta André Dick, do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, fala sobre sua tese em Literatura Comparada “Constelação, silêncio, melancolia: a quase-arte de Mallarmé”, criação feita a partir de dois versos, um do poema “Salut” (“*Solitude, récif, étoile*”), e outro

do poema “*Au seul souci de voyager*” (“*Nuit, désespoir et pierrerie*”). Estas “constelações-arquipélagos” (...) mostram como Mallarmé, mesmo no final do século XIX, já antevia uma linguagem mais fragmentada, uma ruptura com o verso padronizado, que se tornaria mais comum com as vanguardas posteriores do século XX”, diz o autor.

ENTREVISTAS E ARTIGOS QUE FORAM PUBLICADOS NAS *NOTÍCIAS DO DIA* DO SÍTIO DO IHU (WWW.UNISINOS.BR/IHU)

Quando o corpo se torna ciência. O caso Pistorius e o pós-humano

Stefano Rodotà

Confira nas *Notícias do Dia* 23-7-2007

Um atleta que parece um *cyborg* suscita interrogações e polêmicas sobre os limites do humano. Com sempre maior frequência a biologia e a tecnologia cruzam as suas funções. Stefano Rodotà, professor de Direito civil em Roma, e reconhecido intelectual italiano, comenta algumas hipóteses sobre o nosso futuro, em artigo publicado no jornal *La Repubblica*, 20-07-2007.

Em artigo publicado em 23-07-2007 pelo correio eletrônico da presidência e pela página do governo, no Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea), Frei Betto ataca a indústria de “agrocombustíveis”, por ser “predadora de vidas humanas” e aumentar o preço dos alimentos. “O prefixo grego ‘bio’, significa vida; necro, morte. O combustível extraído de plantas traz vida?”, questiona.

A espécie humana e os implantes artificiais. O que nos diz a evolução

Telmo Pievani

Confira nas *Notícias do Dia* 24-7-2007

Novos saberes e a fixação dos primeiros princípios de uma futura robô-ética. Estes são os temas do artigo de Telmo Pievani, professor de Filosofia da Ciência na Universidade de Milão, publicado pelo jornal *La Repubblica*, 21-07-2007. Podemos suspeitar, afirma o intelectual italiano, “que o pós-humano seja, pensando bem, bem mais humano de quanto nos queira parecer”.

Ecumenismo

Rubem Alves

Confira nas *Notícias do Dia* 24-7-2007

“Sua Santidade Bento XVI declarou que Deus criou um pássaro só, e que só o canto desse pássaro é permitido. Todos os outros pássaros devem, então cessar o seu canto...”, escreve Rubem Alves, em artigo publicado no jornal *Folha de S. Paulo*, 24-07-2007. Ele comenta recente documento da Congregação para a Doutrina da Fé.

Campanha ‘Sem Milho não há País’ se intensifica no México

Aleira Lara

Confira nas *Notícias do Dia* 25-7-2007

Durante a campanha ‘Sem Milho não há País’, ativistas, ambientalistas e agricultores do México se mobilizam para chamar a atenção para a problemática dos

alimentos geneticamente modificados. No caso do milho, principal alimento na nação mexicana, as atividades pedem um fim à exploração de empresas como a Monsanto e defendem a soberania alimentar. Adital entrevistou Aleira Lara em 23-07-2007, coordenadora da campanha Agricultura Sustentável/Transgênico, do Greenpeace, sobre o tema.

Second Life movimentada US\$ 2 milhões por dia

Nathalie Brafman

Confira nas *Notícias do Dia* 25-7-2007

O Second Life, um ambiente virtual que possibilita a simulação de uma “segunda vida”, não pára de surpreender. A jornalista Nathalie Brafman em artigo para o jornal *Le Monde*, 24-07-2007, comenta que o Second Life já movimentou US\$ 2 milhões por dia com uma singularidade, essa movimentação toda escapa do controle dos bancos centrais. Sobre o Second Life confira a edição 226 da *IHU On-Line*, de 02-07-2007, intitulada Second Life: uma fábrica de sonhos e desejos.

Os pequenos camponeses lutam contra os paradigmas modernos obsoletos

Walden Bello

Confira nas *Notícias do Dia* 26-7-2007

“Considerados no passado como sujeitos passivos manipulados pelas elites, os pequenos camponeses estão agora lutando contra os paradigmas capitalistas, socialistas e desenvolvimentistas que os levariam à ruína”, afirma o filipino Walden Bello, um dos principais ativistas globais contra o neoliberalismo e o livre comércio. A entrevista foi publicada no sítio *La Haine*, 21-07-2007.

O sonho da modernidade: De Descartes até hoje. A longa história do homem-máquina

Humberto Galimberti

Confira nas *Notícias do Dia* 26-7-2007

Não só nosso modo de trabalhar e viver, mas também nossa identidade é condicionada pela diferença técnica. Há uma diferença abissal entre o corpo “vivido” e o corpo “objetivado”; sobre este último se concentrou a ciência, escreve Umberto Galimberti, filósofo italiano em artigo publicado no jornal *La Repubblica*, 20-07-2007.

A Igreja e a China: um duelo de séculos

Federico Rampini

Confira nas *Notícias do Dia* 26-7-2007

No dia 30 de junho, Bento XVI endereçou uma carta aos católicos da República popular chinesa. Desta forma, foi reposta em movimento uma história de coragem e fé iniciada pelos jesuítas no final do século XVI e precipitada, duzentos anos depois, num confronto que dura ainda hoje. Este é o tema do artigo de Federico Rampini, correspondente do jornal italiano *La Repubblica*, 22-07-2007, em Pequim.

‘O suicídio é a culminância de um processo de metamorfose do tecido social que estrutura o mundo do trabalho’

Christophe Dejours

Confira nas *Notícias do Dia* 27-7-2007

“Uma organização do trabalho não pode ser redutível a uma divisão e a uma repartição das tarefas, frias e racionais, avaliadas a todo instante”, constata Christophe Dejours. Refletindo sobre a onda de suicídios no trabalho que acontece na França, Dejours afirma que as razões devem ser buscadas “na divisão do trabalho levada ao extremo”. A entrevista foi publicada no *Le Monde* em 22-07-2007.

‘Sou presidente de todos os bolivianos, mas devo atender primeiro os vilipendiados da vida republicana, dos camponeses e indígenas’

Evo Morales

Confira nas *Notícias do Dia* 27-7-2007

O presidente da Bolívia, Evo Morales, em entrevista exclusiva ao jornal argentino *Clarín*, 22-07-2007 comenta que quando assumiu presidência do país a elite inconformada dizia que ele duraria até quatro meses no poder. Agora, diz ele, afirmam: “Esse índio vai ficar por muito tempo e é preciso fazer alguma coisa...”. Na entrevista, o presidente boliviano debate temas, entre outros, como energia, biocombustíveis, tratado de livre comércio e os problemas internos do país.

E se não houver metais suficientes?

Washington Novaes

Confira nas *Notícias do Dia* 27-7-2007

“Em maio último, a revista *New Scientist* publicou estudo impressionante, mostrando que em pouco tempo se esgotarão as reservas conhecidas de vários dos minérios mais utilizados no mundo, inclusive em setores estratégicos”, informa Washington Novaes, jornalista, em artigo publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, 27-07-2007.

Frases da Semana

SÍNTESE DAS FRASES PUBLICADAS DIARIAMENTE NAS *NOTÍCIAS DO DIA* NO SÍTIO DO IHU.

As vaias

“No Brasil do Lula, é grande a tentação de entrar no coro que vaia o presidente. Ao seu lado no coro poderá estar alguém que pensa como você, que também acha que Lula ainda não fez o que precisa fazer e que há muita mutreta a ser explicada e muita coisa a ser vaiada. Mas olhe os outros. Veja onde você está metido, com quem está fazendo coro, de quem está sendo cúmplice. A companhia do que há de mais preconceituoso e reacionário no país inibe qualquer crítica ao Lula, mesmo as que ele merece” - **Luis Fernando Verissimo**, escritor - *O Globo*, 22-07-2007.

“Antes de entrar num coro, olhe em volta” - **Luis Fernando Verissimo**, escritor - *O Globo*, 22-07-2007.

Deus

“Toda vez que o avião fecha a porta, eu entrego a minha sorte a Deus” - **Luiz Inácio Lula da Silva**, presidente da República - *O Estado de S. Paulo*, 26-07-2007.

“Lula diz que, no avião, entrega o destino a Deus. E eu, faço o quê? O Estado não deveria ser laico? Entregaram a segurança dos meus filhos a Deus? Não votei em Deus, votei no Lula. Que

ele faça seu serviço e governe” - **Jorge Furtado**, diretor de cinema, petista de carteirinha - *O Globo*, 29-07-2007.

“O Lula disse: “quando viajo, entrego a Deus”. E se acontecer alguma coisa? Reclama com o papa! E disse que reza quando entra no avião. E eu rezo pra ter um avião igual ao dele!” - **José Simão**, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 29-07-2007.

Sanha

“Presidente, há uma sanha para atingi-lo. Novamente se movem para atingir o senhor e seu governo, é a mesma sanha de sempre e, desta vez, me usam para este fim” - **Waldir Pires**, ex-ministro da Defesa - *Folha de S. Paulo*, 6-07-2007.

Virtuose

“Nelson Jobim é um virtuose na arte de equilibrar-se nas vizinhanças no poder; veste à perfeição o uniforme do PMDB. Seu alinhamento fiel ao grupo governante já lhe havia rendido frutos na gestão FHC. Foi nomeado ministro da Justiça e, depois, indicado para o Supremo Tribunal Federal. A passagem efêmera pela corte, o flerte com aventuras presidenciais e a constante aquiescência para com o Executivo federal projetam no currículo de Jobim a imagem do político que se contenta

em sobrenadar” - editorial do jornal *Folha de S. Paulo*, 26-07-2007.

“Que se cuidem Malan, Armínio e Pedro Parente. Com os sacolejos nas Bolsas e no dólar por causa do tranco americano, eles acabam sendo convocados por Lula” - Eliane Cantanhêde, jornalista - *Folha de S. Paulo*, 29-07-2007.

Jobim

“Nunca se queixe, nunca se explique, nunca se desculpe. Aja ou saia. Faça ou vá embora!” - Nelson Jobim, ministro da Defesa - *O Estado de S. Paulo*, 27-07-2007.

Infraero

“Tinha como um dos meus projetos dar uma limpeza na empresa, mas não consegui nada disso. Basicamente por muita pressão política” - José Carlos Pereira, presidente da Infraero - *Folha de S. Paulo*, 27-07-2007.

“Todo mundo sabe que recebi do presidente Lula um ministério sem poderes” - Waldir Pires, ex-ministro da Defesa - *O Estado de S. Paulo*, 28-07-2007.

Aborto

“Perder o exercício do poder sobre o corpo das mulheres é o que assusta homens de mentalidade arcaica hoje em dia. Assusta as instituições autoritárias. Ter soberania sobre o próprio corpo talvez também não interesse a todas as mulheres, pois isso exige uma responsabilidade para a qual talvez não estejam individualmente preparadas” - Márcia Tiburi, professora de filosofia da Faap (Fundação Armando Álvares Penteado), no artigo “Aborto, soberania e mudez das mulheres” - *Folha de S. Paulo*, 26-07-2007.

Alma

“A Europa não pode viver se se cortam as raízes cristãs, porque assim se lhe cortaria a sua alma” - Georg Gaenswein, secretário particular de Bento XVI - *La Repubblica*, 27-07-2007.

Islã

“O Islã é um risco para a Europa. Seria um erro não contrastá-lo” - Georg Gaenswein, secretário particular de Bento XVI - *La Repubblica*, 27-07-2007.

Fidel

“Qual tem sido o problema dos países pobres do ponto de vista tecnológico e econômico? O roubo de cérebros. Qual é o problema pior desde o ponto de vista patriótico e educativo? O roubo de cérebros” - Fidel Castro, presidente de Cuba - *Granma*, 27-07-2007.

“Eu disse: Fidel, assumo o compromisso de continua a tua luta, a tua batalha interminável. Eu a assumo” - Hugo Chávez, presidente da Venezuela, se autoproclamando o herdeiro de Fidel Castro - *Clarín*, 28-07-2007.

Favela

“Um cidadão que vive apinhado numa favela, com a família de oito ou nove membros, num quartode três por quatro, dorme, defeca e come ali, ou seja, é um mundo de cachorros levado às últimas conseqüências” - Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República - *Clarín*, 28-07-2007.

Esfriou

“Há um ataque desde a própria América do Sul contra o gasoduto e conseguiram esfriar o projeto” - Hugo Chávez, presidente da Venezuela - *Clarín*, 28-07-2007.

Surra

“Se nós já demos uma surra nos nossos adversários pelo que fizemos em quatro anos e meio, quando a gente não tinha tanta experiência, eles vão ver agora, nesses próximos quatro anos, o que a gente vai fazer neste país” - Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República - *Folha de S. Paulo*, 28-07-2007.

Perfil Popular

Odete Maria Faustino Spies

Ela representa a mulher brasileira que batalha por um mundo melhor: líder sindical, ativista de movimentos sociais, liderança católica e recicladora. Essa é Odete Maria Faustino Spies, que, desde criança, luta contra a barreira do preconceito contra a mulher. Ao lado do marido Roque Spies, entrevistado na matéria de capa desta edição, ela mostra que Economia Solidária é muito mais do que teoria e belas palavras. É “botar a mão na massa”, é “abrir sacola” junto com os recicladores da Associação que ajudou a fundar em Dois Irmãos, município onde reside com o marido e as duas filhas. Confira, a seguir, a história de vida de Odete Maria:



Odete e o marido Roque Spies

Odete Maria Faustino Spies nasceu em Rolante, na região onde hoje fica o município de Riozinho. É a segunda filha de uma família de agricultores formada pelo pai, pela mãe e por mais 12 irmãos. Aos seis anos de idade, a jovem Odete já pegava na enxada para ajudar. No entanto, o trabalho precoce não foi o problema de sua infância. Odete teve uma experiência muito negativa em sua família, relativa à questão de gênero, que até hoje a afeta muito. “Cresci numa família onde o pai mandava, a mãe trabalhava até mais que ele e o pai, naquela postura machista, decidia as coisas, não pedia opinião pra mãe. A gente trabalhava e produzia em conjunto, mas o dinheiro sempre ia pro bolso do pai. Isso marcou negativamente minha vida”, conta Odete. O pai dela também era alcoólatra. “Ele bebia, botava dinheiro fora em jogo, batia na minha mãe”, lembra. Quando a família foi crescendo, viu-se que a terra que tinham

era pouca para todos viverem da agricultura. “Então, fomos forçados a vir para a cidade, o que meu pai não queria. Mas não tivemos opção, e em 1975 viemos para Novo Hamburgo. Foi quando comecei a trabalhar em fábrica de calçados”, conta Odete.

A jovem recorda que “achou o máximo” quando começou a trabalhar em fábrica. E explica o motivo: “Na colônia, a gente trabalhava de sol a sol e não sobrava dinheiro pra gente às vezes comprar um vestidinho para ir numa festa da comunidade. E na fábrica eu podia trabalhar dentro de um prédio, não tinha preocupação com o sol, e no fim do mês conseguia um dinheiro. Isso era o máximo!”. Por alguns anos, Odete trabalhou com essa visão. Fazia serão e trabalhava a noite toda quando o patrão pedia. Mais tarde, começou a participar de grupos de novena na sua comunidade. Eram as novenas de Natal e Páscoa oferecidas pela comunidade católica.

“Comecei, então, a fazer uma reflexão mais aprofundada dos direitos do trabalhador. E passei a participar dos sindicatos. A partir do meu engajamento na comunidade e na luta sindical, comecei a ‘não prestar’ mais para os patrões, em função dos questionamentos que eu fazia e do fato de eu organizar os colegas da fábrica, mostrando a eles as injustiças dentro da produção. Isso me revoltou e me jogou para a luta sindical”, relata Odete.

Nesse meio tempo, ela conheceu Roque Spies, que era seminarista e hoje é o seu marido. Eles acompanhavam o mesmo trabalho através da Comunidade Eclesial de Base. “Nós organizamos um grupo de jovens, fomos nos aprofundando juntos nesse debate, participando de greves. Eu era bem ativa no movimento sindical. Só que isso fazia com que eu não ficasse mais nas fábricas. Nossa vida, até antes de casar, sempre foi interada na luta comunitária também.” O casal participava da Associação de Moradores do bairro Canudos, em Novo Hamburgo, onde moraram durante muitos anos. Lá, ajudaram nos primeiros passos da organização da Associação de moradores e dos grupos de novena, que foram crescendo até chegar num ponto em que havia seis grupos em uma mesma comunidade.

Casamento

O casamento de Odete e Roque, em 1982, foi comunitário. “Abrimos nossa festa para toda a comunidade. Meu pai queria fazer uma festa para a família, pagando churrasco e bebida, mas nós queríamos abrir para a comunidade, porque a gente sempre teve muita amizade. A festa foi comunitária e aberta, convidamos os parentes e os amigos, cada um levou um prato e foi uma festa linda. Cada grupo de famílias levou um bolo, deu uma mesa enorme de bolos”, lembra Odete.

Pobreza por falta de oportunidade de vida

Depois de ficar desempregada durante quatro meses, Odete começou a fazer trabalho voluntário na Cáritas Diocesana de Novo Hamburgo. Na época, a cidade sofria muito com enchentes e ela se ofereceu à Cáritas para fazer, voluntariamente, visitas, ajudar as famílias, pesquisar o que faltava a elas. Ao fazer essa pesquisa, Odete já visava a uma organização de grupo com essas famílias. A Cáritas a contratou, com carteira assinada, para continuar fazendo esse trabalho no bairro Santo Afonso, em Novo Hamburgo. No entanto, Odete ajudou a enfrentar uma situação de conflito. Com a construção de um dique para bloquear as enchentes, os terrenos no bairro começaram a valorizar. Não demorou para os donos e seus herdeiros aparecerem. “Eles começaram a expulsar as pessoas dos barracos. Foi terrível. O pessoal chamava eles de capangas, porque eles vinham com aquelas ‘pistolas’ de dois canos, davam tiros pra fazer o pessoal sair das casas. Nós, da Cáritas, acompanhamos tudo isso, envolvemos o juiz, o bispo na época, que era Dom Sinésio¹, e o *Jornal NH*. Mobilizamos toda a cidade de Novo Hamburgo.” Essa experiência reforçou uma crença que Odete sempre teve: a de que os pobres, em sua grande maioria, são pobres porque não têm oportunidade na vida. “As pessoas que moravam lá diziam que não queriam morar de graça. Queriam pagar, mas de acordo com as suas condições.” Odete e a equipe da Cáritas ajudaram na construção e no fortalecimento da Cooperativa Habitacional Coobasa, no bairro Santo Afonso. Nesse loteamento mais de 600 famílias foram assentadas. Dentro dessa estrutura, foram criados

¹ Dom Aloysio Sinésio Bohn foi bispo da Diocese de Novo Hamburgo de 1980 a 1986. (Nota da *IHU On-Line*)

grupos de famílias e de mulheres, o que, segundo Odete, “só vinha a reforçar a luta”.

A essa altura, o marido de Odete também tinha sido convidado a trabalhar na Cáritas. Por essa razão, o casal também acabou morando no bairro por cinco anos, para ficar mais perto dessas famílias, já que a primeira filha deles era pequena, e Odete estava grávida da segunda filha. “Ficava ruim morar longe, no bairro Canudos. Como a Diocese pagava só um salário mínimo, pagaram o nosso aluguel também no bairro Santo Afonso. Depois de cinco anos morando lá, deixamos o grupo andar com as próprias pernas e nos mudamos para Dois Irmãos, onde vivemos até hoje. Nossas duas filhas hoje já estão grandes. A Isabel tem 21 anos e a Mariana de 20 anos”.

Jogo de poder e hierarquia

Odete trabalhou na Cáritas por dez anos. Quando trocou o bispo e assumiu Dom Boaventura Kloppenburg¹ tudo mudou. “Sabemos que Dom Sinésio foi transferido porque ele apoiava o trabalho popular. O novo bispo cortou todas as nossas iniciativas. Éramos controlados, não conseguíamos trabalhar.” Chegou um momento em que Odete pediu para sair da Cáritas Diocesana, não porque não acreditava na organização do povo, mas, “por ser submissa a um poder hierárquico em que um padre machista e autoritário, desmontava todo um trabalho só pelo poder que tinha”, desabafa. Odete se decepcionou. “Toda a estrutura de exploração que eu vivenciei nas fábricas de calçados estava presente lá na diocese também, por intermédio do padre-patrão, que não aceitava argumentos. Eu vi dentro da estrutura da Igreja um jogo de poder pior do que o existente na fábrica. Isso também foi me revoltando, porque eu

¹ Dom Boaventura Kloppenburg foi bispo da Diocese de Novo Hamburgo de 1986 a 1995. (Nota da *IHU On-Line*)

lutava pelos operários, mas dentro do meu setor de trabalho eu era explorada pelos padres e pelo bispo.”

Estudos

A saída da Cáritas, no entanto, permitiu que Odete voltasse a estudar. “Eu tinha parado no primeiro grau porque meu pai não aceitava que uma filha estudasse, sendo que ele era analfabeto. Consegui concluir o segundo grau, em um supletivo de um ano e meio. Infelizmente não tive recurso para fazer uma faculdade. Se eu tivesse, gostaria de estudar a área da nutrição e da saúde.”

Mudança

Uma mudança de vida levou Odete, o marido e as filhas para o município de Dois Irmãos. “Quando chegamos lá, me senti meio perdida. Não tinha organização de bairros, de comunidade. Começamos a frequentar as celebrações, as missas, e nos oferecemos para participar da associação de moradores, mas nunca deu certo, porque a comunidade não participava. Nos grupos de novena, só liam o que tinha no livrinho, ninguém podia opinar muito, rezavam o terço e ia todo mundo pra casa olhar a novela. Não se abria a discussão, que era realmente o mais interessante. Daí desistimos da novena também, pois nossa vontade era de aprofundar a reflexão, como fazíamos em Novo Hamburgo”, lembra.

Trabalho com reciclagem

Na época em que a família se mudou para Dois Irmãos, o lixo da cidade era um problema. Odete conta que primeiro era enterrado em locais inadequados, como a beira de um arroio. Depois que

isso foi proibido, o lixo passou a ser queimado dentro de um prédio construído para esse fim, o que também foi proibido. A alternativa foi colocar o lixo num aterro irregular. Isso também não pôde mais acontecer. “Nós sabíamos dessas histórias antes mesmo de morar no município e isso nos apavorava. Eu e o Roque sempre fomos defensores do meio ambiente.” Como o prefeito foi punido pelas irregularidades envolvendo o lixo, ele foi forçado pela justiça a pensar numa alternativa. Roque¹ teve uma experiência dentro da Cáritas em Novo Hamburgo, assessorando por quatro anos uma cooperativa de reciclagem de lixo. Por essa razão, o casal foi convidado para pensar num tratamento adequado para o lixo, com a implantação da coleta seletiva. Isso foi em 1994. “Fizemos uma proposta para a prefeitura que depois das negociações aceitou e começamos a trabalhar. Fizemos com que a prefeitura investisse na coleta seletiva e começamos a separar o material para reciclagem utilizando o prédio em que o lixo era queimado e que estava desativado. Foi um trabalho importante, mas difícil. Nos propomos a fazer o trabalho de conscientização para o pessoal separar o lixo. Sempre achamos importante o reciclador ter contato com a comunidade.” O trabalho árduo rendeu frutos. A Associação dos Recicladores de Dois Irmãos já funciona há 13 anos e hoje no município 90% da população separa o seu lixo em casa.

Decepção e sofrimento

Quando a Associação completou 12 anos, no ano passado, Odete decidiu sair, com muito sofrimento, pois se decepcionou por ainda ver reinar o

¹ Roque Spies: Confira na editoria matéria de capa desta edição a entrevista concedida por Spies, “Alcançar a autogestão é um dos maiores desafios dos grupos de reciclagem”. (Nota da *IHU On-Line*)

preconceito com a questão de gênero e com algumas pessoas que perderam o espírito comunitário e não souberem lidar com o poder e a liderança. “Constituir a Associação foi uma das melhores experiências da minha vida, pois tivemos que romper um monte de preconceitos envolvendo essa questão do lixo. E conseguimos. Esse é um trabalho muito digno, acredito nisso e quero continuar sendo recicladora enquanto tiver trabalho nesse ramo”, afirma. Hoje, o Roque ainda está na Associação uma vez por semana e o casal presta assessoria a vários grupos de reciclagem em diversos municípios do Estado.

Economia Solidária

Odete continua acreditando na organização de grupos e aposta nisso. “A saída para os trabalhadores é o trabalho coletivo e organizado. Mas, quando se fala em economia popular solidária eu fico com o pé atrás, e faço uma reflexão. Escrever e ler livros sobre Economia Solidária é muito bonito. Mas colocar essa teoria na prática do dia-a-dia, vivenciando num grupo e tirar o teu pão daquela atividade, é muito difícil. É preciso muita transparência, honestidade e humanidade.”

Fé

Oriunda de uma família católica e praticante, Odete foi catequista de primeira eucaristia por muitos anos. Mesmo depois das decepções que teve com a Igreja, continuou sempre acreditando em Deus. “Hoje, para mim Deus é a natureza. Eu vejo muito Deus na natureza, é uma energia boa, uma força que nós temos que fazer acontecer”. Quando pode, ela ainda frequenta os encontros da doutrina espírita e tem lido para se aprofundar nas questões de reencarnação.

Momento feliz

Um momento feliz na vida de Odete foi sua união com o marido Roque. “Começamos a constituir uma família diferente do que aquela que eu tive. É a estrutura de família que eu sempre desejei.”

Momento triste

Odete classifica como um momento triste e marcante o dia em que teve que abrir mão do trabalho da Associação de Recicladores: “Saí chorando, com muita dor”.

Brasil e política nacional

Para Odete, o governo brasileiro obteve avanços. Mesmo assim, ela diz estar bem decepcionada com a política brasileira. “Já fui filiada e militante ativa do Partido dos Trabalhadores (PT), pois via no Lula e nas propostas do Partido uma luz no fim do túnel. Hoje, não estou mais envolvida nisso. Parece que está tudo adormecido: estamos numa fase em que o trabalhador não tem mais aquela garra que tinha uma vez.”

Beatriz Marocco

As manhãs, tardes e noites da professora Beatriz Marocco, mais conhecida como Bia, são preenchidas com as atividades do jornalismo. Antes, dedicava-se integralmente às redações jornalísticas dos principais veículos de comunicação do Brasil. Atualmente, ministra as disciplinas de Memória e Arquivamento, Redação em Relações Públicas II e Redação Jornalística. Confira, a seguir, os principais relatos de vida dessa professora de Comunicação Social, contados exclusivamente à revista IHU On-Line.



Origens

Quando a gente passa por várias coisas, e essas coisas vão ficando para trás, nós lembramos dessas coisas, da nossa origem, da cidade onde nascemos, de um jeito muito próprio e fragmentado. Então, eu lembro que nasci numa cidade, Porto Alegre, que tinha muitas coisas que ainda tem atualmente, mas também outras que hoje são completamente diferentes. Por exemplo, me criei numa rua que hoje é uma Perimetral, com trânsito muito intenso de carros. Era a Rua Dom Pedro. Eu morava numa

casa com quintal. Nela, existiam goiabeira, papagaio, pessegueiro, criação de coelho... Era um verdadeiro sítio numa rua em que hoje é uma rua de trânsito movimentado. Então, eu vivia numa cidade relativamente grande, mas acredito que minha infância tenha sido parecida com aquelas crianças que hoje vivem no interior. A gente fazia fogueira na frente de casa, por exemplo, em época de São João.

IHU REPÓRTER

Infância e relação com o trabalho

Eu brincava de ser professora desde muito pequena, com as minhas amigas de primeiros anos na escola. Nós reuníamos nas casas, arrumávamos os “equipamentos” para brincar, e eu era sempre a professora. Além disso, minha família, desde sempre, foi ligada a jornal, a rádio, e eu me relacionei com essa área de forma natural. Desse modo, eu pensava em ser jornalista desde muito cedo. Ao pensar em trabalho, ao pensar em coisas que eu faria “quando crescesse”, me imaginava como professora e jornalista. Ser jornalista foi uma coisa muito natural na minha vida, uma escolha natural que eu fui construindo, elaborando. E foi a profissão que segui.

Pais

Nossa relação foi normal. E o normal significa que eles me deixaram ser uma pessoa independente. Talvez a melhor lembrança que eu tenha é que eles que me fizeram crescer sozinha, sem precisar ter alguém ao lado para me ajudar, abrir caminhos.

Filhas

Tenho duas filhas. Uma mora em Barcelona e a outra está se encaminhando para morar em São Paulo. Uma é atriz e a outra está terminando o mestrado em psicologia. Nós temos uma relação que eu acho muito legal; somos parceiras. Quando elas precisam de mim, elas recorrem, e eu me sinto muito bem em poder ajudar. Ela também têm um sentido de independência muito forte. O mais interessante é ver que eu as criei e que hoje cada uma tem um pensamento muito individualizado, muito próprio.

Formação

Eu fiz vestibular na PUCRS e UFRGS e optei pela federal porque eu não queria mais depender de pai e de mãe, apesar de, na época, se comentar que a PUC tinha um curso melhor. Na época, o curso de jornalismo durava

três anos e não quatro, como hoje. Eu entrei em 1968 e me formei em 1970. Era época da ditadura e nós vivíamos num ambiente de silenciamento. Nós ficávamos sabendo, não muito estrondosamente, que alguns professores tinham sido cassados, que alguns colegas trabalhavam como elementos do Dops. Havia uma atmosfera de rumores. Eu não era militante; não fiz nenhum tipo de militância. Desde o início, eu era dada à área prática do jornalismo. Eu queria fazer jornalismo porque eu achava que poderia ser muito ativa por meio dele, usando-o como um meio de me colocar no mundo.

Trabalho

Ainda durante a faculdade, eu trabalhei numa agência de publicidade e, depois, vendendo enciclopédia. Eu e outros colegas, porque nós queríamos porque queríamos ganhar dinheiro para ter um tipo de independência. Eu queria me livrar das coisas que me tinham no domínio. Mas eu quase não vendia nada... Também trabalhei com censo, fazendo pesquisas nas vilas de Porto Alegre. Eu queria ter um outro tipo de experiência com a vida.

Jornalismo

Eu me formei em 1970 e logo fui para a redação da *Zero Hora*. Meu primeiro chefe de redação era também editor do jornal do Partido Comunista. Era um cara que estava brigando na frente política, só que, assimilado pela *Zero Hora*, tinha todo um procedimento burocrático do jornalismo. Assim, ele nos fazia trabalhar como o dono da empresa queria. Deu para ver como a própria redação tem sua “organicidade”, e isso vai sendo incorporado no modo da gente ser jornalista. A época em que eu trabalhei como jornalista era uma época que talvez volte agora, quando você pode escolher a empresa em que irá trabalhar. Era um mercado muito ativo. Na *Zero Hora*, ganhei dois prêmios de reportagem. Um deles me proporcionou estudar, durante um tempo, na Universidade de Chicago, nos Estados Unidos. Quando

voltei, fui novamente para a *Zero Hora*. Em 1977, quando eu tive minha primeira filha, trabalhava no jornal e na Rádio Gaúcha. Por isso, o pessoal do jornal me chamou e disse que eu ficaria só na rádio, pois iria ficar com um trabalho muito disperso, tendo dois empregos e uma filha para criar. Eu fiquei tão furiosa que me demiti dos dois. Por dois anos, fiquei só cuidando da minha filha. Quando ela estava com um ano e 11 meses, eu engravidei da segunda, mas aí eu já não agüentava mais ficar em casa. Foi aí que fiz um teste para trabalhar na Caldas Junior e, mesmo grávida, fui aprovada. Trabalhei lá até um ano antes da empresa fechar. Com isso, me mudei para São Paulo, onde trabalhei na *Folha de S. Paulo* e na editora Abril. Em 1986, a *Zero Hora* me chamou para cuidar do projeto que fundou o *Diário Catarinense*, que teve a primeira redação informatizada do Brasil. Depois que terminei o projeto, trabalhei, ainda, no *Correio do Povo* e no *Diário do Sul*. Aí termina a minha vida jornalística 40 horas por semana. Foi então que fiz o mestrado e depois passei a lecionar aqui na Unisinos. Hoje, faço pesquisa e leciono, ou seja, voltei a trabalhar à manhã, à tarde e à noite.

Brasil

Eu acho que essa coisa de o País ter que ser o berço esplêndido para mim não funciona muito. No Brasil, as coisas são muito difíceis para muita gente, e isso me incomoda bastante. Eu morei fora do Brasil e eu acho que lá fora as pessoas são mais felizes, pois têm condições de ter uma vida mais digna do que aqui. O que me incomoda é a situação de pessoas que não têm condição de fazer a vida por si próprias, que dependem do governo, de uma ação da sociedade. Essa desigualdade me incomoda, mas isso poderia mudar...

Relação com alunos

Essa é uma relação que não se pode generalizar. Eu tenho uma relação muito boa com alguns e uma não tão boa com outros. O que o tempo me ensinou é que os

alunos que mais precisam de mim são aqueles que têm mais dificuldade de se aproximar, de se relacionar comigo. São esses que precisam que eu trabalhe mais por eles, o que não funciona naturalmente. É uma relação mais trabalhosa, mas, de repente, se um deles terminar tão bem quanto um aluno talentoso e se aproxima de mim com mais facilidade, fico com uma sensação de ter sido um professor mais interessante. Às vezes, consigo isso, outras, não.

Sonhos

Eu acho que cada dia, para mim, tem uma meta. Então, a coisa de ter um sonho lá longe é uma coisa que eu não tenho. Eu me proponho a ter coisas boas durante o dia. Essa coisa do *Carpe Diem* (“Aproveite o dia”) funciona de uma forma interessante. Eu acho isso legal. Cada dia tem uma coisa nova. No momento em que eu começo a fazer descobertas, elas começam a me energizar.

Unisinos

A Universidade, para mim, é um espaço interessante, onde eu posso fazer o que eu quero, no sentido de pesquisa e relação com o aluno. Aqui, eu trabalho com o periódico científico, que é diferente do jornalístico, com edição e editoração. Isso me proporciona uma vivência de jornalismo bastante interessante. De uma certa forma, eu ampliei a idéia do que era o jornalismo em relação a quando comecei a trabalhar. Hoje, por exemplo, ainda trabalho com reportagem, mas de um modo mais elaborado, tanto no sentido teórico quanto no sentido prático.